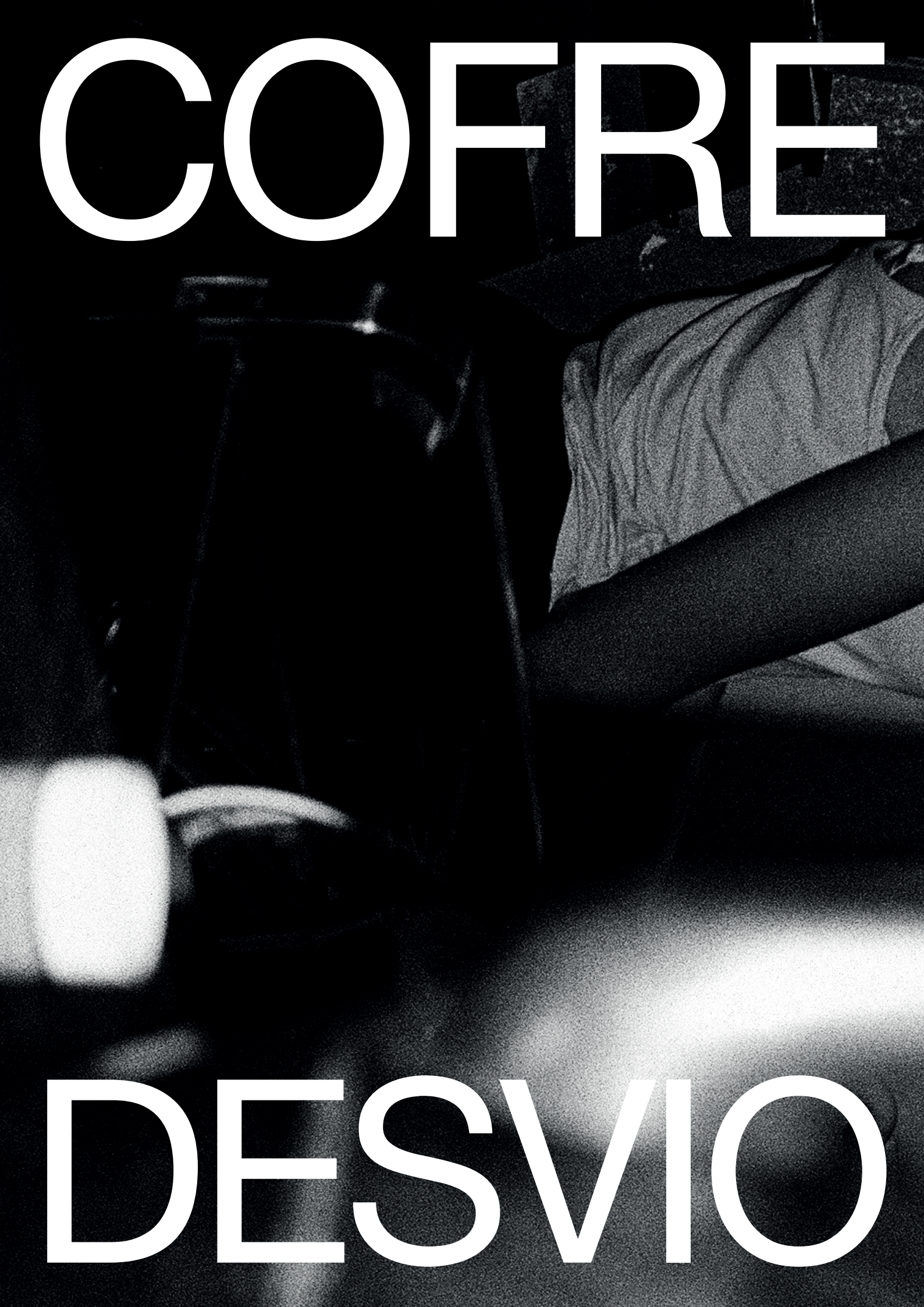
COFRE



DESVIO

2019 © 2021

INDEX

00

INDEX

⓪④

①⑧

③②

⑤④

⑧⑧

O BAR

O SOM

A RUA

O CORPO

O DESTINO

“A universalização do amor, como fogo de artifício, afeto em abstrato, no espaço da pista ou no tempo da rave é a utopia in vitro, sustentada em um mundo perigoso, própria à contracultura industrializada da noite. Por outro lado, é nessa situação complexa altamente mediada que as pessoas ainda podem lembrar-se, por uma noite, do que é o amor, em um mundo de competição e descompromisso extremados. Talvez também por isso essa noite devesse durar para sempre"

—Tales A. M. Ab’Sáber, em "A Música do Tempo Infinito".

ATM
CULT

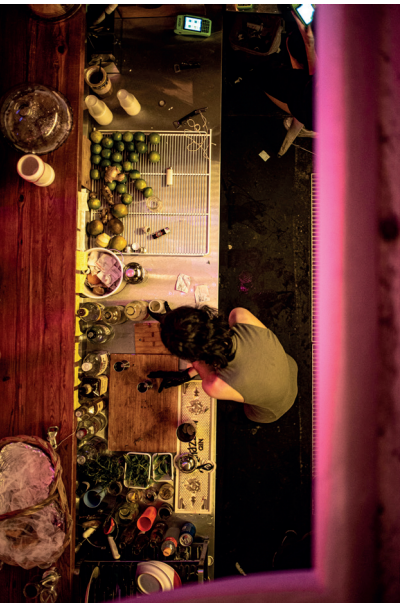
NOME DO CAPÍTULO

00

O BAR

A história do Desvio, de acordo com quem a viveu.

Entre o céu e o inferno
Por Guilherme Guedes



De repente, um anjo despencou do balcão.

A contagem regressiva começou no 8 e parou no 4, interrompida pela queda repentina. Gritos, aplausos, assobios. Há quem jure que viu penas pairando sobre a pista. Outros ainda não entenderam o que aconteceu nem de onde veio aquele ser. E há quem diga que não viu nada, mas ouviu falar que foi um acontecimento.

O episódio aconteceu numa sexta-feira, 11 de outubro de 2019. O evento era de comemoração do primeiro aniversário do Global Kunt, um dos vários coletivos que promovem a cultura ballroom no Rio de Janeiro. Além dos DJ sets de Evehive, Bout, Matheus e Pulva, a noite também teria um “mini ball” de voguing, com "batalhas" divididas em três categorias inspiradas pelo Dia das Crianças, feriado que cairia no dia seguinte à festa: Doce, Heróis x Vilões e Carinha de Anjo.

Uma das inscritas na última categoria era Krystal Fokatruá Manicômio, artista travesty multidisciplinar que, enquanto se preparava para a performance no primeiro andar do Desvio, de olho na pista térrea, pensou nos "anjos caídos”, anjos que, segundo o Livro de Judas, na Bíblia, tornaram-se demônios ao se rebelarem contra Jesus, aliados a Lúcifer. Vestindo roupa branca e com a pele coberta por óleo de côco, sem maquiagem - “a categoria pedia um rostinho angelical” - Krystal levou ao pé da letra a expressão, determinada a cravar um flash na memória de todos ali.

“Eu apenas segui a minha intuição. Estavam contando os segundos finais para fechar a categoria, e eu senti que era a hora. Eu simplesmente desci voando dos céus”, adorna a artista e praticante de capoeira que, ao pular, passou entre o lustre do bar e um ventilador de teto - ligado. Assim que aterrissou, fazendo espacate, Krystal ergueu-se rapidamente, como se puxada por uma linha invisível. Coberta por um véu branco, Krystal ouviu o irromper das palmas e encerrou a performance com a confiança de uma medalhista olímpica. "Até hoje as pessoas comentam sobre esse momento histórico. Eu fui ali naquela noite para isso, né? Para tocar as pessoas. O Desvio dava essa margem de possibilidades de acontecimentos lindos, incríveis e históricos”.

Esse misto de caos, ferveção e imprevisibilidade é o exemplo perfeito do que foi e do que podia ser o Desvio, um misto de bar, café, boate e casa de shows que, durante cerca de dois anos, ocupou o número 12 da Ramalho Ortigão, no centro antigo do Rio, região da Praça Tiradentes. O espaço foi idealizado por Anna Pitthan, Thaís Scot e Bernardo Carvalho, jovens moradores da Zona Sul que haviam se conhecido anos antes, quando trabalhavam em uma cadeia de lojas, e firmaram parceria ao criarem em 2017 a Dissölve, festa dedicada ao techno e outras vertentes pouco solares da música eletrônica. “A gente se complementava. O Ber cuidava da parte mais burocrática, a Thaís lidava com a parte de relações pessoais, RH, e eu fiquei focada na programação, na música”, explica Anna. "Cada um tinha o seu eixo, as suas crenças, e é óbvio que nem tudo eram flores. Mas a gente conseguiu criar dois 'filhos'".

O trio concorda que os perrengues colecionados nas primeiras edições da Dissölve foram fundamentais para embarcarem na aventura do Desvio. “A gente fez festa em lugar que não tinha água encanada, que não tinha luz, até na frente do Batalhão de Polícia. Se o eletricista dissesse que dava, a gente fazia”, conta Bernardo, visivelmente animado ao reforçar a pujança dos três. "A graça era essa, era fazer no erro e aprender. Isso preparou a gente para o Desvio”.

A Dissölve foi um dos braços cariocas de uma onda enorme de raves de rua que invadiu a

região sudeste do país nos anos 2010. Naturalmente, a cidade que inventou os bailes funk, casa de apoteóticos blocos de carnaval de rua, incorporou intensamente os modos e a cultura da nova geração clubber, sedenta pela reordenação das estruturas estabelecidas previamente. Para crescer, esse movimento precisava estabelecer um diálogo fluido com outras vozes, outras perspectivas. Foi aí que veio a ideia de montar um espaço fixo, um eixo de ligação entre diferentes grupos e expressões culturais do Rio de Janeiro. “Não tinha um lugar assim. A gente fazia festas que davam 500, 600 pessoas, e começou a acreditar que seria possível abrir um espaço cultural no centro”, sustenta Bernardo..

Oficialmente, o Desvio seria inaugurado somente no fim de maio de 2019, mas abertura real foi bem antes disso, no carnaval daquele ano. "Eu cheguei no fim da tarde e tinha uma chuva do caralho caindo. Foi um caos”, resgata Thaís Scot, co-fundadora do Desvio - apelidado "barzinho" -, ao narrar as primeiras horas de existência do Desvio. “Foi bizarro. A gente varrendo o bueiro para a rua não alagar, e as pessoas olhando, se perguntando que espaço era aquele, ninguém tinha ideia do que que aquilo ia virar” reconta Thaís, que aponta as conexões pessoais construídas como o grande trunfo do Desvio. "Independente do que estivesse tocando, as pessoas estavam ali pela Alice, pela Jordana, pelo Matheus, pela Laís, pela Luana, pelas carinhas que estavam sempre ali na na frente”, diz Thaís, listando os funcionários que passaram pelo bar ao longo dos 25 meses de funcionamento total ou parcial. "Tinha um lugar de se sentir pertencente, da galera sentir que estava protegida de alguma forma. Às vezes a pessoa não gostava do som que estava rolando naquele dia, mas ela ia mesmo assim porque sabia quem ela ia encontrar ali".

Alice Lopes era parceira da Dissölve quando foi convidada para ser gerente do Desvio. Séria e bem-humorada em proporções equivalentes, Alice expressa uma relação passional com o Desvio ao acionar a memória das experiências que teve por lá. Foi dela, inclusive, a iniciativa de discutir o fechamento de portas definitivo, anunciado ao público em abril de 2021. “Ninguém sabia quanto tempo a gente conseguiria [manter o Desvio aberto durante a pandemia de COVID-19]. Fui chamada para um outro emprego, e quando contei pra todo mundo, acho que deu um estalo: 'até que ponto a gente vai conseguir segurar tudo isso?'”, desabafa. “Eu passei por muitas fases da minha vida no Desvio. Ao mesmo tempo que era um trabalho que me esgotava mental e fisicamente, toda a minha vida estava envolvida naquele espaço - amigos, relações amorosas, tudo”. Laís Passos, que trabalhou como atendente nas noites de quinta a sábado, ecoa o sentimento de Alice: “a gente trabalhava, brincava, flertava, dançava, cantava, fofocava, e às vezes emendava uma festinha depois de lavar louça, tirar lixo, repor geladeiras, lavar banheiros, jogar água no salão (risos). A gente tinha uma energia que vinha daqueles encontros, da combinação de corpos investidos na construção daquele espaço-tempo".

PAGUE NO

ANDUCHES:
OLOS
RAMISÚ

VINIL
XCPA /NATA

RCF

O BAR

OBAR

BRAHMA

Título do Texto
Por Alice Lopes

Abri o Instagram do Desvio pra tentar descobrir por onde começar esse texto. Os últimos dias têm sido difíceis, e os amigos que aparecem nas fotos do feed não estão bem de cabeça. Quem é que tá? Eu tô por aqui, no meu segundo emprego pós|barzinho, entendendo que nenhum emprego é bom. Que os desafios nunca acabam, que a corda é sempre bamba, que a carga é sempre maior do que deveríamos aguentar. E seria injusto eu fingir que no Desvio era diferente, né? Se bem entendi a intenção desse belo livro que você tem em mãos, meu papel aqui é contribuir com a documentação da essência desse lugar. E parte da essência dele é o peso que nós, que o construímos para você, carregamos para que pudesse sentir a liberdade de celebrar quem você quisesse ser.

Foram mais de 300 noites de eventos. Pra mim, isso significou mais ou menos 15 noites de curtição entre meus amigos e umas 2700 garrafas recolhidas, algumas centenas de lavagens de privada e vários cigarros de tabaco fumados na ponta do balcão porque não dava tempo de sair pra fumar na rua. Apesar de em alguns momentos estarmos tão conectados que parecia que éramos um, eu não posso falar sobre o que essas noites significaram pros meus amigos Matheus, Jordana, Luana e Laís, que me ajudaram a carregar o peso da sua celebração, mas eu tenho certeza que de alguma forma o outro elemento que constitui a essência do Desvio, que é você, também ecoa no coração de cada um deles. E é sobre isso que eu quero falar.

Quando começamos a construir o Desvio (nessa época ainda éramos só eu, Ber, Thais, Anna e Jor), ao mesmo tempo em que queríamos só abrir um barzinho simpático no centro da cidade, nós sabíamos da potência desse movimento. Num território que é planejado para dividir e distanciar, ocupar um espaço central significa abrir portais. O centro do Rio de Janeiro carrega símbolos e histórias que são intrínsecos à formação do povo desse país, e a cultura que somos o tempo todo estimulados a esquecer sobe junto com o vapor que sai do chão quente de pedra das ruas. Meu coração, de alguma forma que não consigo explicar, batia diferente quando eu passava pelo Largo da Carioca observando todos os seres daquele lugar. Do cara que vende latão no isopor e bebe toda sua mercadoria durante o expediente até o playboy que mora na Zona Sul e trabalha num prédio ali perto, e tá puto de andar no sol do meio|dia pra conseguir o que ele chama de "um almoço decente".

De alguma forma, o Desvio conseguiu representar essa mistura de vivências do centro do Rio dentro do nosso pequeno universo. A gente botou pra pisar no mesmo chão grupos que historicamente não interagem nessa cidade. Eu me lembro de um amigo que, num dos primeiros dias do Desvio, disse que estava curioso para observar a galera blasé sendo obrigada a dividir espaço com as pessoas em situação de rua que, ali, são nada menos que donas do território.

Às vezes eu chegava no Desvio e logo vinha o Rogerinho, todo dia com um óculos diferente, alguns dias conseguindo falar e outros não. O Rogerinho, pessoa em situação de rua, era um dos grandes elementos da essência desse bar. Eu nunca conheci alguém com o coração tão puro quanto o dele. Rogerinho passava, fazia uma graça com seu óculos de sol novo, cumprimentava e abraçava quem quisesse e de vez em quando ficava pra curtir um som. No decorrer do dia passavam um ou outro maluco, alguns membros da Associação Nacional da Família Tradicional Brasileira que ficavam abobados com aquele circo no meio do centro tradicional (com seu tradicional cheiro de esgoto circulando pelo ar 24.7) e amigos muito fieis que tentavam nos fazer acreditar que valia a pena abrir o barzinho antes das 18h.

No fim de tarde eu me divertia acompanhando os dates no mezanino e a galera do escritório fumando maconha na única happy hour do seu dia, e quando caía a noite tudo começava a ficar meio doido. Aí você já sabe, né? Essa era provavelmente a hora em que você chegava. Uma aglomeração, uma fila babado pro banheiro, um vai e volta na geladeira que ficava no meio do salão pra pegar cerveja, uns drinks gostosos (às vezes feitos com amor, às vezes feitos com ódio, mas sempre gostosos) e uma música de maluco estourando na caixa de som. Tinha dia que só tinha branco; tinha dia que tinha muito hétero; e tinha dia que tava bonito porque tinha todo mundo. Mas todos os dias tinha verdade. Verdade de saber que você tava num lugar de acolhimento, em que podia usar a droga que quisesse, usar a roupa que quisesse e ser quem quisesse. Verdade de dividir espaço com tudo quanto é gente; até com quem você não gostava de dividir. Verdade de sentir um negocinho por dentro, nem que fosse fogo no cu, que te fazia sair de casa pra ir pro barzinho mesmo nos dias mais improváveis. A verdade de ocuparmos juntos, cada um em sua condição, um espaço que foi construído para todos nós. Em que você e eu, de alguma forma conectados pela nossa verdade, marcamos as vidas uns dos outros.

Faz mais ou menos sete anos que eu trabalho com atendimento, bar, música e correria. Nenhum lugar afetou tanto minha vida e as decisões que tomei quanto o Desvio. Foi lá que, entendendo a riqueza dessa cidade, desisti de tentar fugir e resolvi ficar por aqui. Também foi no Desvio que reconheci todas as nuances de trabalhar com amigos, atender amigos e, principalmente, servir aos amigos. A gente não tinha nenhuma separação entre vida pessoal e profissional, e isso teve consequências boas e ruins, como é de se imaginar.

Assim que eu terminei meu namoro, uns cinco meses depois de abrirmos o barzinho, fui morar com a Thais. Idealmente a Thais seria minha chefe, então você pode imaginar o quanto a gente teve que desconfigurar tudo que conhecíamos até então sobre relações de trabalho. Nosso ciclo era assim: trabalhar até as 2h da manhã, passar no mercado 24h pra comprar umas garrafas de vinho, ficar de fofoca até 6h da manhã, acordar atrasada, tomar café no posto de gasolina e correr pra abrir o Desvio de novo. No meio disso rolavam uns dates, umas festinhas de fim de semana e uns filmes de sapatão. Foi a partir daí que tudo se misturou e o barzinho passou a dominar todos os aspectos da minha vida.

No fim das contas, eu meio que era chefe de todo mundo, porque como gerente tinha a grande responsabilidade de manter aquele lugar aberto, em pé e em boas condições; mas antes de qualquer hierarquia de trabalho estavam em pauta nossas questões pessoais, os laços que construímos e todas as dinâmicas das nossas interações dentro desse contexto. Cada um à sua maneira, cuidamos uns dos outros enquanto cuidávamos juntos do Desvio. Faz o favor de imaginar aí como é ter uma chefe que na verdade é sua funcionária que na verdade é sua roomie e que salvou sua vida te dando um lugar (incrível, inclusive) para morar em tempos de crise. Bota no meio disso uma escala muito intensa de trabalho em que todo mundo fazia tudo e tudo acontecia ao mesmo tempo. Por último, acrescenta um toque de música eletrônica com funk, com noise, com drogas pesadinhas; tenho certeza que deu pra sentir um pouco por aí e entender como foi bem doido.

Tudo isso é pra dizer que viver o Desvio nunca foi uma experiência individual, por isso é impossível falar sobre o que esse momento significou sem falar de todo mundo que o tornou tão único. A marca que essa vivência deixou em mim não pode ser mensurada por números, pessoas ou dias específicos; é como um portal que foi aberto aqui dentro, assim como o que abrimos ali na Ramalho Ortigão, em que vão e vem lembranças e aprendizados sobre o viver coletivo, sobre construir em conjunto. Eu, você e todes que passaram por esse espaço construímos, de uma forma que certamente nenhum de nós conhecia até então, memórias que pertencem a todos nós.

Eu não sei descrever em palavras o tamanho da felicidade que é saber que, no mundo em que vivemos, no momento pelo qual passamos, nós pudemos construir juntos um universo em que ser nós mesmos era suficiente. Eu fico em paz porque sei que todo mundo que nos ajudou a construir essa bolha de acolhimento e celebração ainda tá por aí, espalhado por essa cidade, criando e multiplicando espaços como esse. Criando espaços melhores que esse, que incluam ainda mais pessoas, que exalem ainda mais cultura e criatividade.

A vocês, amigues, eu só tenho um pedido:
me chamem.

Perrot
JOALH

O Bar
Por Guilherme Guedes

Do lado esquerdo da fachada do Desvio, colada com a lateral do caixa, uma porta sóbria e imponente destoava do turbilhão de cores e informações do centro da cidade. Acima dela, um letreiro simples, em fonte sem serifa, avisava: Ed. Castro Pinto, número 12. O acesso era a entrada para o imóvel de sete andares que, ao longo das últimas cinco décadas, abrigou uma variedade enorme de estabelecimentos comerciais.

O prédio foi construído a mando do ourives português Francisco Leite de Castro Pinto, que veio para o Brasil ainda jovem e em meados do século passado fundou, naquele espaço, seu primeiro empreendimento: a Joalheria Imperial. “O prédio funcionava como se fosse uma minifábrica, um lugar onde ele produzia as coisas e depois distribuía para a loja de baixo e as outras que ele foi abrindo”, conta Bernardo Carvalho, neto de Castro Pinto e um dos sócios do Desvio. "Ele ficou com a Imperial por uns dez anos, e depois ele arrendou para a Joalheria S. João, que ficou lá por uns 35, 40 anos”.

O Desvio surgiu em um momento em que a região da Praça Tiradentes parecia abandonada pelo Estado e esquecida pela iniciativa privada. "Quando deu 2005, mais ou menos, a joalheria fechou e a loja ficou vazia. Estava começando um processo de degradação do centro", ressalta Bernardo. "Rolaram algumas coisas depois, teve até um cara que tentou abrir uma loja de roupas, mas ficou por pouco tempo. Quando ele saiu do imóvel, eu já estava fazendo a Dissölve com a Thaís e a Anna, e quando pensamos em abrir o Desvio, a gente concordou que o lugar era ideal”.

Ao ocupar o espaço que havia sido da S. João, o Desvio ressignificou a história da tradicional joalheria sem apagá-la. O bar não tinha um letreiro novo, moderno, mas envelhecidas tábuas de madeira que nem o nome do lugar traziam; em vez disso, os desbotados dizeres grafados em maiúsculas: “JOALHERIA S. JOÃO”. "A gente acreditava que a arquitetura do lugar, o fato de ali ter sido uma joalheria, de ter uma história, ia somar muito ao negócio”, explica Bernardo. Os sócios substituíram a frente da joalheria, antes composta por três vitrines fechadas, por uma entrada ampla e convidativa, que permitia que o interior do bar fosse visto até do outro lado da calçada, quando a rua não estava cheia. Mas o elemento mais marcante da arquitetura do imóvel preservado: o vão arredondado entre o térreo e o primeiro andar, que permitia, para quem observava a ação de cima, uma vista caprichosa da pista de dança, da cabine de DJ e do bar. De um lado do vão, um sofá discreto, e do outro, um espelho longo, horizontal. Ao centro, o mesmo lustre de cristal que adornava as joalherias do passado.

Até a finalização deste texto, ninguém sabia dizer ao certo qual o futuro do Edifício Castro Pinto. Segundo Bernardo, a intenção da família, ainda proprietária do imóvel, é vender o edifício, esvaziado durante a pandemia.

DJ GUERRINHA

01

RÁDIO DESVIO

Guerrinha é onipresente na cultura da noite carioca. É, junto com Lucas de Paiva, um dos fundadores do selo 40% foda/maneiríssimo, patrimônio imaterial do Estado da Guanabara. O selo conta com 38 lançamentos (até o momento) sendo boa parte deles feitos pelo próprio Gabriel Guerra em sua miríade de pseudônimos. Figura certa no barzinho, não há figura melhor para inaugurar a última série da Rádio Desvio.

DJ GUERRINHA

RÁDIO DESVIO

A primeira música da qual você tem lembrança?

"Chan Chan" do Buena Vista Social Club. Meu pai só curtia dois tipos de música: música cubana e Rolling Stones, então quando saiu um disco do Ry Cooder (que era um músico de sessao para os Rolling Stones) com diversos músicos cubanos ele fez questão de ouvir sem parar

Qual música você gostaria de ter composto?

Em termos práticos, "Parabéns Pra Você" porque é o máximo que uma música chegou perto de uma interpretação global fixa, e isso é talvez a epítome que todo compositor almeja. Em termos individuais provavelmente "Teiko" de Lyle Mays porque consegue misturar secções onde a ideia de tempo se torna não tão determinante e virtuosismo no sentido mais tradicional da palavra, sem contar que tem esse lindo motif de mallets harmonizados em quartas que de alguma forma eu sempre tento imitar.

Se sua vida fosse um seriado, qual música você escolheria para a abertura?

"Assassino", do Tony da Gatorra. Meu sobrenome é Guerra e eu fui criado com a ideia de que o cinismo compensa. A mensagem dessa música é exatamente o oposto disso: paz enquanto desejo máximo da humanidade. O mais bacana de um seriado é o personagem em conflito com si mesmo, então "Gabriel Guerra em busca da Paz" seria excelente.

Que música poderia tocar no rádio e no seu DJ set?

“Come Back to Me”, da Janet Jackson. Lembro de quando eu era criança e essa música tocava na rádio. Soa como um sonho até hoje.

Uma música para tocar no último baile do Desvio?

"A Slow Song", de Joe Jackson. Nada melhor que terminar um baile com uma música que fala sobre um casal clamando para o DJ tocar uma música lenta.

Desvendando o cotidiano
Por Guilherme Guedes

O artista visual e marceneiro Marcelo Bracarense era conhecido nos arredores do Desvio como Cotidiano, nome que batiza sua série de ilustrações que retratam o dia-a-dia no centro do Rio. Presença frequente nas manhãs, tardes ou noites de funcionamento do bar, Marcelo morava nas ruas quando o Desvio foi aberto, e logo passou a se inspirar nos frequentadores da Ramalho Ortigão para uma nova safra de desenhos que oferecia aos retratados às vezes como presente, e às vezes em troca de algum dinheiro que o ajudasse a passar a noite.

Marcelo é dono de traços simples feitos em lápis ou caneta, muitas vezes em pedaços improvisados de papel, que mostram as pessoas e os lugares que compõem o caos lúdico do centro da cidade, geralmente com um pé na realidade e outro na interpretação singular do ilustrador. As artes de Marcelo são parte fundamental da história do barzinho; é impossível saber quantas vezes frequentadores e funcionários levaram para casa os desenhos feitos por ele, frequentemente acompanhados por conversas fantásticas e inspiradoras.

Atualmente, Marcelo mora com a família em São José dos Campos (SP), e conversou por telefone com A Última Dança sobre a própria história e a relação dele com o Desvio. Ao longo das respostas, que você vê junto a desenhos da série Cotidiano selecionados especialmente para esta publicação, Marcelo ocasionalmente cita o Desvio no presente, como se esquecesse - ou quisesse esquecer - a ausência deixada pelo fechamento das portas.

"Eu sou de São José do Rio Preto, interior de São Paulo, noroeste paulista. Na juventude eu trabalhava com vendas, mas teve uma ruptura no sistema e eu virei viramundo, fui para o trecho, sempre com arte, sempre com arte. Eu comecei a desenhar nas paredes da minha mãe quando eu era criança, né, brother? Mas assim, até meus vinte e poucos anos eu não me via como artista. Eu fazia alguns trabalhos, lógico, mas não era nada que era o meu expoente. Só que aí, na hora que veio a ruptura, dentro dessas andanças todas, eu sempre tive a arte"

"Em 2010, 2011, eu tava em Santa Catarina, e com a venda de um trabalho eu conheci nove estados do Brasil, até que parei no Rio de Janeiro. Eu trabalhei muito tempo ali no Largo da Carioca, fiquei uns dois anos montando e desmontando as barracas ali da feirinha. Eu expunha a minha arte ali no meu tempo livre, e depois comecei a visitar a Zona Sul, dei uma distanciada do Centro porque estava atrás de um trabalho melhor. Foi quando eu inventei o Cotidiano, que é o trabalho que me apresentou ao pessoal do Desvio"

"Eu e todo mundo ali, a gente criou um vínculo de amizade. O público deles sempre foi maravilhoso, um pessoal super pra frente, uma cabeça aí, uma mentalidade diferenciada. Lá não tem rótulo. Lá você não precisa ter classe social, não precisa ter sobrenome, não precisa ser filho ou apadrinhado de ninguém, só precisa ser você. É isso que deixa o Desvio mais que especial. É um local ímpar porque faz o que o sistema não quer: faz as pessoas se enxergarem como iguais. Ali eu encontrei de tudo, eu encontrei evangélico, eu encontrei músico, eu encontrei raveiro, eu encontrei skatista... Eu não lembro de ter ido a um lugar no Rio, sem ser a praia, que fosse tão democrático"

"Não tem como não ser marcante, velho. Você tá ali naquela Sete de Setembro e de repente você olha ali, ó, passou do teatro, assim, você já vê aquela muvuca, e de repente você chega na frente daquele bar e tem uma festa do tamanho de... Puta, é uma das coisas mais loucas que tinha, meu irmão! Não lembro de ter visto isso em outro lugar do país"

"Eu não fico com muito trelelê dessa história, não. Em 2005, 2006, eu tive uma viuvez no que seria o meu segundo casamento, então eu pirei. Pirei. Eu caí numa vibe de droga, foi um um tempo de muita guerra, mano, muita perseverança e muito tombo. Eu me acabei com droga, com crack, com bebida... Eu estava cansado de tudo isso que move esse planeta aqui, cara. Não era nem para tentar uma coisa nova, era tentar fugir dessa coisa que o mundo impõe, que eu acho hipócrita, mesquinha, canalha, e a arte foi um escapamento. Eu me tornei uma pessoa totalmente antissocial, e por incrível que pareça, foram as ruas que me deram vontade de voltar a tentar trocar ideia com as pessoas, de me comunicar. Eu passava oito, dez horas desenhando, sem contato com ninguém, e isso tava me deixando meio que... Carente, velho. Foi quando o Cotidiano surgiu, e aí eu voltei a ter contato com as pessoas"

"O pessoal do Desvio foi muito importante pra mim, no sentido de me dizer: 'Marcelo, você é um cara maravilhoso, extremamente do bem, extremamente positivo, mas você não pode deixar o seu caminho terminar assim, cara'. Desde que eu voltei para a minha cidade, eu... Eu fumo muita maconha, lógico, mas hoje tem dezesseis meses que eu não tenho mais contato com outras drogas. E a vida flui bem melhor, né irmão? O Desvio vai ter para sempre grande importância na minha vida, porque foram pessoas que falaram pra mim algo que eu já sabia, mas que não tinha interesse em ouvir de outras pessoas"

"Eu fiquei até meio pensativo a respeito disso, mas a gente não deve esconder a verdade, não. A coisa não é feita só de história boa, não é conto de fada, não. São vários pormenores que te levam a isso, e nenhum deles é bonito"

"Eu sinto uma tristeza muito grande no meu coração ao saber que quando eu voltar para o Rio eu não vou ter essa porta aberta no centro. Essa cratera, vou te falar... A cada dia que passa, ela vai aumentando mais. O público do Desvio era um público jovem, pessoas que ainda estão em formação e ainda têm muito a dizer. Pessoas que estão em crescimento, que estão formando seus nichos, e esse retrocesso significa que as pessoas vão deixar de ver, de acompanhar essa mudança de conceitos. O ponto mais triste, mais degradante, é esse. É a falta de comunicação entre a cultura mediante à sociedade inteira"

"[No dia do anúncio do fim do Desvio] eu falei para a Thaís que, por mais triste que seja o fechamento das portas, fisicamente, a gente tem muito o que comemorar. Eu tenho certeza que tem pessoas que por influência do Desvio conseguiram flexibilizar suas linhas de pensamento ou tirar a cegueira que tinha em si. O Desvio foi um lugar mágico, irmão. Daqui cem anos vão contar sobre o Zé Pelintra, sobre São Jorge e sobre o Desvio. É uma coisa que entrou no no inconsciente do povo"

DESVIO

Bexolonse

NOME DO CAPÍTULO

00

A RUA

A Praça Tiradentes como pólo de efervescência cultural, palco de manifestações políticas e estratificação urbana das nossas contradições

NAT
NIGHT

Quero beber! cantar asneiras

No esto brutal das bebedeiras

Que tudo emborca e faz em caco...

Evoé Baco!

O alfange rútilo da lua

Por degolar a nuca nua

Que me alucina e que eu não domo!...

Evoé Momo!

A Lira etérea, a grande Lira

... Por que eu extático desfira

Em seu louvor versos obscenos,

Evoé Vênus!

Poema do livro 'Carnaval', de Manuel Bandeira, lançado em 1919 – o ano do primeiro carnaval depois da gripe espanhola

De mistério em mistério, se revelava a figura de Heitor Villa|Lobos. Não era sabido o ano em que nascera, pois possuía mais de uma certidão de nascimento. Desconhecia|se, também, a origem de seu enigmático apelido de infância – Tuhu. Vindo de família de músicos, Villa|Lobos cresceu com violoncelo em mãos e clarinete aos lábios. Adolescente, tocava em rodas de choro na Lapa e acompanhou de perto artistas como Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazareth esfumaçarem a fronteira entre a música erudita e a popular. Em 1906, embarcou em uma viagem de seis anos pelos quatro cantões do Brasil. Quando retornou ao Rio de Janeiro, não lhe faltavam histórias em seu catálogo ou oportunidades para contá|las com seus longos braços de maestro. Era fácil encontrá|lo na rua do Dídimo, na Lapa, ou no München Stadt, restaurante alemão que varava até altas horas da madrugada após os concertos na Praça Tiradentes. Muitas vezes era visto mergulhado em rascunhos e partituras em meio ao burburinho dos bares, das rodas e dos cabarés. De suas peregrinações, contou que passou três dias preso por uma aldeia indígena antropófaga, a ouvir os cantos para o preparo de sua carne, antes de ser liberto. Dizia, até, que conheceu canções e línguas de povos originais já dizimados por meio do silvar de um bando de papagaios, que aprenderam ao longo das gerações a imitar a música dos nativos, até que o último tivesse desaparecido. E quando indagado sobre a veracidade de todos esses relatos, Villa|Lobos retrucava: “o folclore sou eu”.

Nada nos justifica a chamar Villa|Lobos de mentiroso. Sua verdade era a música e coube a ele veiculá|la. Mas ele não foi o único de seu tempo a usar uma espécie de ficção como artimanha. Na verdade, todos aqueles frequentadores dos arredores da Praça Tiradentes padeciam de algum grau de mitomania, segundo suas ambições ou suas necessidades. Não é de se espantar – o Rio de Janeiro havia entrado em uma efervescente década de 1920 após anos de miséria com a Grande Guerra e uma devastadora passagem da gripe espanhola pela cidade. Nada poderia segurar os foliões desvairados, as rodas de samba, as apresentações dos teatros de revista e os bêbados que caiam dos bondes lotados. Os frequentadores da vida noturna, atingidos pela síndrome do “último carnaval”, se empenharam integralmente ao estudo e à prática do hedonismo. Salões brumosos de tabaco, ópio e ganjá, carregamentos de champagne que chegavam aos montes no frenético bate e volta Rio|Paris|Rio, frascos de morfina e cocaína vendidos nas farmácias, bailes regados a lança|perfume – tudo sugeria um vício. Mas antes de má|fama, a esbórnia alçou o Rio à condição de Babilônia dos prazeres. Mais especificamente, se algum viajante perguntasse a um carioca sabido de onde tirar melhor proveito da cidade, a resposta seria a Praça Tiradentes.

Contudo, não era o consumo das substâncias que fazia os frequentadores da praça possuírem uma imaginação fértil. O próprio Villa|Lobos era um homem da noite, mas não um beberrão. O recurso à ficção por vezes surgia como disfarce – um modo de burlar as amarras da caretice que ainda operavam na elite carioca. Para isso, os pseudônimos se infiltravam nas colunas dos periódicos, nas orelhas dos livros, nos sonetos e nas revistas. Assim, as palavras das mulheres, dos homossexuais e das artistas negras se infiltravam nas casas e nos salões até que, depois de familiarizadas, revelavam sua verdadeira origem para a surpresa dos leitores que haviam sido

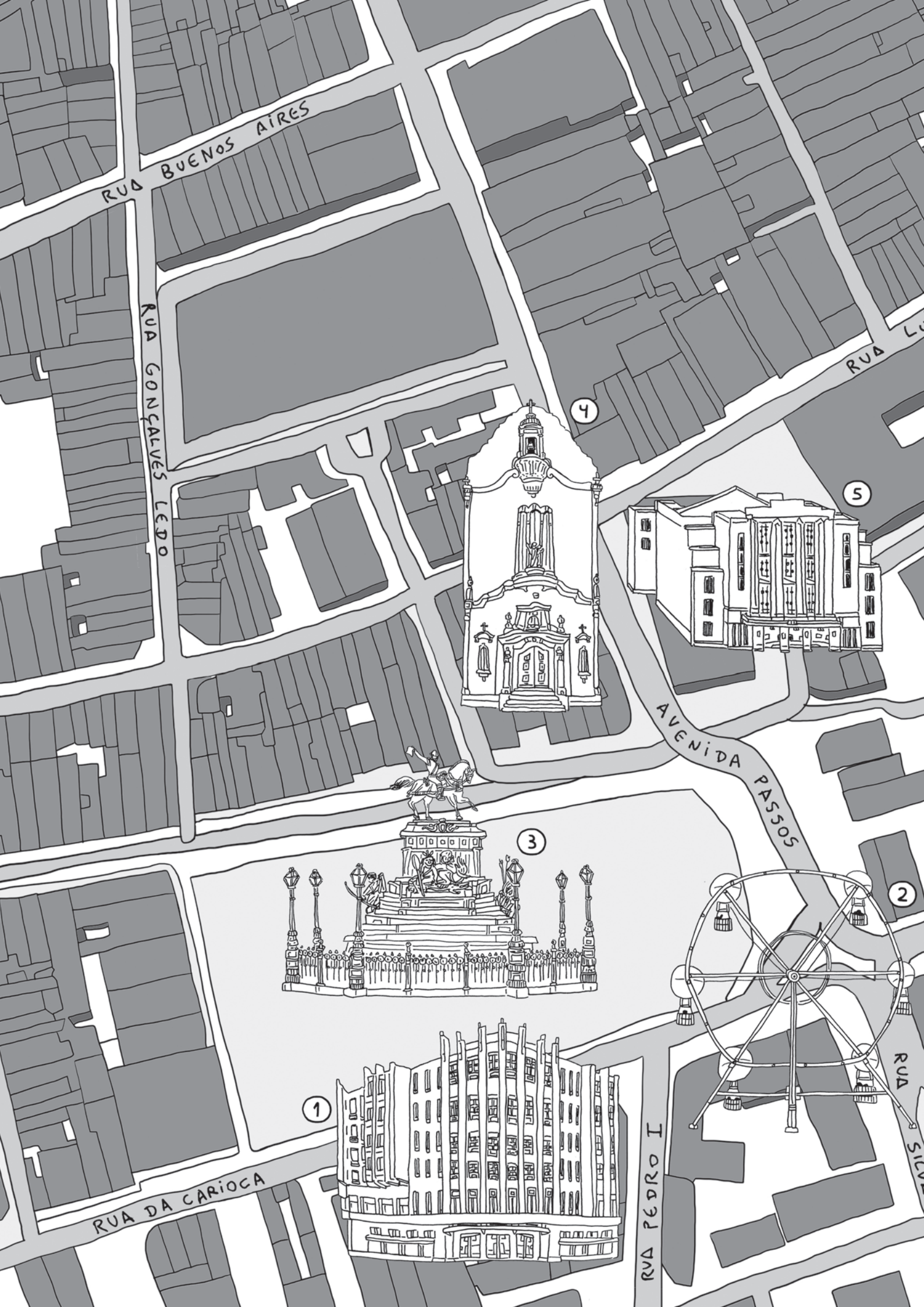
devorados de dentro para fora. Talvez ninguém tenha aprendido esse código tão bem quanto a poetisa Gilka Machado. Aos catorze anos, inscreveu|se num concurso de poesia três vezes – uma como Gilka, outras duas com pseudônimos masculinos. Ganhou o primeiro, o segundo e o terceiro lugar. Desbravou os caminhos para as mulheres no mercado editorial. Seus livros "Cristais Partidos" (1915), "A Revelação dos Perfumes" (1916), "Estados da Alma" (1917) e "Mulher Nua" (1922) esgotaram por décadas a fio nas livrarias após sucessivas reedições. Amada pelo parnasiano Olavo Bilac, odiada pelo modernista Mario de Andrade , Gilka agitou as rodas literárias ao estrear o movimento simbolista no Brasil – e o fez enquanto mulher que capturou o domínio da poesia erótica da mão dos homens. Quando já era uma das clientes mais ilustres da Livraria Garnier, o antro literário da Rua do Ouvidor, veio a sofrer outras represálias. Diante de seu sucesso, alguns incrédulos passaram a especular que o verdadeiro autor dos poemas era seu marido, o jornalista e poeta Rodolpho Machado. Não negavam que a poesia fosse boa, mas recusavam a autoria. A prova contrária veio como revés. Ficou viúva aos trinta anos e viveu até os anos 1980, afastando qualquer dúvida dos seus talentos. Foi mãe solteira, nunca se absteve do mundo do trabalho ou da vida política. Foi uma das fundadoras do Partido Republicano Feminino e uma grande defensora dos direitos civis das mulheres. Representou uma nova geração de artistas que subverteram a lógica patriarcal, seja pela a conquista de direitos, seja com a mudança da polaridade dos signos do erotismo, para desespero dos homens broncos.

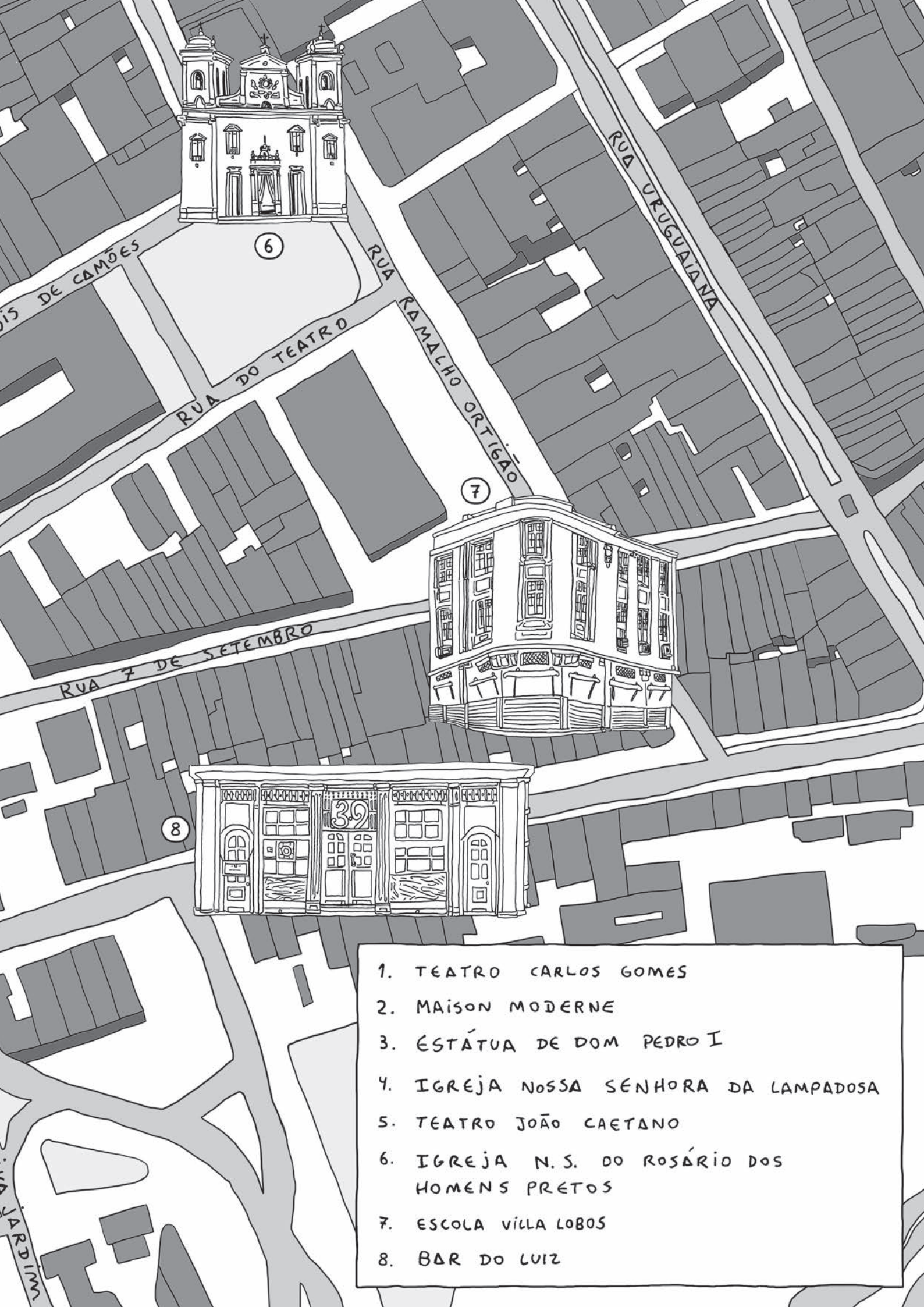
O direito ao voto só foi contemplado às mulheres pela constituição de 1934. Mas boa parte dessa trajetória política tomou palco nos teatros da Tiradentes e seus arrabaldes. Nos mais de quarenta teatros que já abriram na praça desde 1808, a população da cidade pôde ver Chiquinha Gonzaga, filha de negra forra e primeira maestra do Brasil, se tornar, na música, porta|voz do movimento abolicionista e reger a cantora lírica Luísa Regadas, o "rouxinol do abolicionismo" em teatros como o Carlos Gomes, João Caetano e Lyrico. Na praça também surgiram as "Baianinhas Invejadas", primeiro bloco de carnaval cuja banda era composta apenas por mulheres, sobretudo negras. Na Tiradentes, elas fizeram valer o "antes só do que mal acompanhada" – em ambientes de discursos inflamados, como os cafés Maison Moderne, Casa Cavé e o Persa, colocaram a pauta do divórcio legal no centro do debate familiar e, ao exemplo de Chiquinha Gonzaga, preferiam ser taxadas de adúlteras a ter de que conviver o resto da vida com o homem não amado.

Se as mulheres lutavam, em 1920, para pôr o pescoço para fora das retrógradas águas do século XIX, outros, como as populações transexual e homossexual, continuavam totalmente submersos em opressão. É por essa razão que uma das ficções mais transgressivas criadas nos arredores da praça tenha sido o pseudônimo "João do Rio". João do Rio, assinatura favorita do jornalista Paulo Barreto, era negro, gay, gordo e afeminado. Tinha tudo para ser o pária de seu tempo e de sua sociedade, mas se tornou o autor, contista, crítico e cronista mais

celebrado da república. Além da assinatura de João do Rio, seus pseudônimos “Máscara Negra”, “José Antônio José” ou simplesmente “Joe” constavam, sem força de exagero, quase todos os dias em algum jornal de grande circulação. Só no ano de 1916, assinou 341 colunas. Nas horas do almoço, saía da Gazeta de Notícias, no Largo da Carioca, para a região da Tiradentes. No trajeto, fazia|se visto e reconhecido. Era dândi, atrevido e sagaz. E para a fúria dos defensores dos “bons costumes”, suas frases estavam na boca do povo, até daquele que não sabia ler, mas que gostavam daquela figura excêntrica e afrancesada, repleta de humanidade e vida. O reconhecimento de João do Rio não poupou|lhe, contudo, sofrimento. Achacado em jornais rivais, era chamado de “manta de toucinho com dois olhos”, “madame bicicleta” e “homem|torpeza”. Chegou a ser espancado por marinheiros em um restaurante da Galeria Cruzeiro. João do Rio era janota, mas não se dava o luxo da fraqueza. Tinha a sua privacidade devassada pelos inimigos. Na ocasião de uma grande amizade com a bailarina americana Isadora Duncan, os pobres de espírito especulavam se havia finalmente “virado homem”. Nada consta que tenham tido alguma relação para além da amizade, mas a ela confessou em francês a culpa que uma sociedade lhe imputara: “Je suis très corrompu”. Antes soubesse que corrompido não era ele. E antes pudesse saber que, na ocasião de seu enterro, cem mil pessoas acompanharam o velório de um imortal – não porque ocupara um assento na Academia Brasileira de Letras, mas porque o Rio o amava.

Havia aquelas figuras, por outro lado, que se faziam famosas não pelos pseudônimos, mas pelos sobrenomes. Era o caso de Zeca do Patrocínio Filho, rebento do grande líder abolicionista José do Patrocínio. O pai tivera a trajetória mais improvável. Filho bastardo de um vigário com uma escrava, teve acesso, às escondidas, à educação. Foi impedido de cursar medicina por ser negro. Formou|se em farmácia, mas logo trocou os frascos pelas canetas|tinteiro. Virou jornalista do importante jornal Gazeta de Notícias e de lá fez o palanque para a causa mais urgente: o fim da escravidão. Entre a década de 1870 e 1880, agitou as conferências|concerto – eventos apoteóticos do movimento abolicionista que ocorriam nos teatros da Praça Tiradentes, que movimentavam todo arcabouço artístico da época e que lotavam salas. Mesmo com o sucesso das conferências, não era incomum que José do Patrocínio tivesse que, antes dos espetáculos, limpar ele mesmo os auditórios que alugara dos teatros, diante do desleixo dos proprietários à causa e à cor de sua pele. Mas o sucesso das conferências|concerto era incontornável. A população da cidade vibrava aos seus discursos políticos, se entregava às polcas de Chiquinha Gonzaga e aguardavam o clímax do evento: o momento em que José do Patrocínio, com o dinheiro arrecadado das entradas, chamava algum escravizado ao palco e lhe comprava a carta de alforria. Mais do que simbólica, essa atitude chegou a promover, de fato, uma política alternativa. Só em junho de 1883, Patrocínio entregou 115 cartas de alforria durante espetáculos.


RUA BUENOS AIRES
RUA GONÇALVES LEDO
RUA L
4
5
AVENIDA PASSOS
3
2
1
RUA DA CARIOCA
RUA PEDRO I
RUA
SILVA


RUA URUGUAIANA
RUA RAMALHO ORTIGÃO
RUA DO TEATRO
RUA 7 DE SETEMBRO
6
7
8
39
1. TEATRO CARLOS GOMES
2. MAISON MODERNE
3. ESTÁTUA DE DOM PEDRO I
4. IGREJA NOSSA SENHORA DA LAMPADOSA
5. TEATRO JOÃO CAETANO
6. IGREJA N.S. DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS
7. ESCOLA VILLA LOBOS
8. BAR DO LUIZ

Se Patrocínio, o pai, selou o seu próprio destino (e o de tantos outros), Patrocínio Filho nasceu imbuído de oportunidades, mas com talento o suficiente para aproveitar todas. Quando jovem, tornara|se o ator mais reconhecido da cidade, não por estrelar nas peças de teatro, mas por fazer do improviso seu modus operandi. Se quisesse de fato iniciar uma carreira na dramaturgia, talvez tivesse encontrado tantos obstáculos quanto o pai. Afinal, quando Patrocínio, o pai, iniciou as conferências|concerto, o teatro passava de arte secundária para o centro do debate cultural nacional. E com a cooptação das elites, não faltaram tentativas de marginalizar o negro dos palcos e camarins. Mas Patrocínio Filho tinha seus ardis. Eletrocutava salões narrando eventos cômicos e improváveis. Ocupava todo o vácuo de atenção ao seu redor. Na diplomacia, fez da fama do pai um canal de navegação com artistas e intelectuais europeus. Lá, usava sua aptidão oratória para impressionar franceses, italianos e portugueses com histórias fantasiosas do Brasil que criava ao bel prazer. Quando voltava à pátria, repetia o mesmo processo, dessa vez para impressionar os brasileiros, com histórias da Europa. Em uma de suas elucubrações, em 1917, no auge da Grande Guerra, meteu|se a conversar com um estranho num vagão de trem que ia para Londres. Contou tramoias inventadas com direito a detalhes sobre espionagem russa. Quando chegou ao destino, o estranho o delatou, teve o passaporte retido logo na estação e foi encaminhado pela Scotland Yard a uma cela de prisão. A pena para espiões em tempos de guerra era capital. Quando a notícia chegou ao Rio de Janeiro, custou|se a acreditar. Só quando as forças diplomáticas já estavam plenamente mobilizadas é que a cidade se tocou que Patrocínio Filho estava entre a vida e a forca. Nesse ínterim, Patrocínio Filho passou dois anos na cadeia, enquanto os cariocas impulsionaram uma larga campanha pela sua liberdade. Mas como explicar aos ingleses que o famoso Patrocínio Filho não era um espião, mas um mitômano? Mal|entendidos desfeitos, Patrocínio Filho foi deportado. Ao chegar ao porto do Rio, trouxera na bagagem, com todos os benefícios da dúvida, histórias ainda mais fabulosas.

Quem conta um conto aumenta um ponto. Assim, os habitués do centro e os afeitos à noite carioca iam destilando, a cada fabulação e pseudônimo, uma nova imaginação da cultura popular. O parnasianismo do século XIX ficara monótono, a música de câmara cedera espaço para a roda de choro e samba, a rusticidade do alambique perdera a vez para a alquimia das serpentinas de chopp do Bar do Luiz e as velas foram ofuscadas pelo clarão rompante de eletricidade que anunciou a chegada da década de 1920 à cidade do Rio. Quem quer que frequentasse a Praça Tiradentes naqueles anos que sucederam a peste talvez não percebesse, mas ali nascia um vetor importante da arte popular – mais moderna, sem apego aos maneirismos da corte e com um retrato de Brasil pintado por brasileiros. E talvez, pela primeira vez, tenha se tornado possível falar de uma arte genuinamente brasileira, por recusar as narrativas mestras da Europa, mas também cosmopolita, por estar em diálogo com o resto do mundo. Nascia o

Brasil modernista – autoconsciente e sedento por novos folclores que fossem dissonantes às narrativas oficiais. Popular por ser espontânea, espontânea por ser popular – eis o axioma que credenciou a arte modernista brasileira e colocou o povo como principal componente da nova fórmula da identidade nacional. O país ditava "pelo telefone" a sua expressão dos tempos modernos.

Depois da Grande Guerra e da gripe espanhola, tudo parecia fora do lugar. A primeira, ruiu a ideia ocidental de progresso. A segunda, escancarou o caráter radicalmente vulnerável da condição biológica da humanidade. Juntas, ceifaram 70 milhões de vidas em um intervalo de cinco anos. A Espanhola foi um evento especialmente sinistro para o Rio de Janeiro. Chegou misteriosamente em setembro de 1918 no porto, desembarcada do navio Demerara, que vinha da Europa depois de duas escalas em Recife e Salvador. Primeiro, um surto brando, que amoleceu parte dos quase 1 milhão de habitantes da cidade. Após um breve hiato, fez jus ao apelido de "bailarina da morte" – patenteou a fragilidade da vida dos cariocas matando um a cada nove adoecidos. Proporcionou a cena mais insólita já vista por essas bandas: os boulevards recém construídos do Rio de Janeiro abarrotados de corpos, sem haver quem enterrá|los e sem haver saúde para luto. Sobrou apenas aquilo que Nelson Rodrigues chamou de "o tédio da morte". A tragédia não se deveu somente ao vírus. A administração pública foi irresponsável. Os meios militares negavam a seriedade da pandemia. O diretor|geral da Saúde Pública, Carlos Pinto Seidl, receitava água de quinino para os doentes graves (sem eficácia científica comprovada) e falava em "profilaxias individuais", contrariando o apelo dos cientistas pelo isolamento social. Até que, em 22 de outubro de 1918, novecentos e trinta pessoas morreram da Espanhola no Rio de Janeiro. Restou à Academia Nacional de Medicina se posicionar e publicar uma nota afirmando que "em sua marcha caprichosa e vagabunda, a influenza tem menosprezado os elementos de defesa [...] o isolamento é irrealizável na gripe pandêmica, a menos que se interrompam todas as relações sociais e todos os contatos oriundos". Carlos Seidl foi trocado por Carlos Chagas, o grande epidemiologista brasileiro, e a política mudou de rumo. Daí, se fecharam os teatros, os bares, os cafés, as rodas. A cidade se esvaziou, a Praça Tiradentes emudeceu. A realidade se tornara absurda, mas isso também habilitara todo um novo horizonte à ficção.

"A doença veio como foi", lembra Oswald de Andrade. Aos poucos, sem termos sabido o que exatamente se passou e sem ter ao menos uma vacina, a Espanhola cedeu depois de ter deixado um lastro de destruição. As autoridades recomendaram a suspensão do carnaval de 1919 para evitar um novo surto. Mas não havia ninguém que acreditasse veementemente que poderia estar vivo até o carnaval de 1920. Em delírio coletivo e em desafio à bailarina, os cariocas saíram às ruas para dançar aquele que foi o carnaval mais bonito da cidade. Outros ventos viravam outras páginas. Os cariocas queriam entrar na

década de 1920 sem nada a perder. Em particular, ao Rio de Janeiro, a década parecia fazer um convite à rebeldia e à experimentação. Afinal, se a gramática colonial havia nos levado à miséria e à carnificina, era a hora de falarmos na nossa própria língua. A cidade despertava da pandemia, abria as cortinas dos teatros da Tiradentes, e encenava um país que se apresentava jovem para um mundo cansado. O folclore de Villa|Lobos, os pseudônimos de Gilka Machado e João do Rio, as carochinhas de Patrocínio Filho e toda forma de imaginação que validava a revolução popular na arte – tudo, ironicamente, representava melhor o Brasil do que aquela imensa e espalhafatosa figura equestre de Dom Pedro I, ao centro da praça, empunhando a Constituição de 1824, erguida acima de domesticadas tribos indígenas e desdenhosa do papel do negro da construção do país. E aquilo que deveria representar o mito da fundação do Brasil fora atropelado pelo bonde da irreverência moderna; se tornou algo entre um totem para uma religião não mais praticada ou a expressão démodé de um Brasil que nunca existira assim: pacificamente. Pois a estátua do primeiro monarca faceia aquela esquina da Avenida Passos, onde após rezar na Igreja Nossa Senhora da Lampadosa, Tiradentes, o mártir da república, fora enforcado. Nesse sentido, a Espanhola fora professoral: a vida é um bem frágil, não há tempo a perder com a violência entre os iguais.

Há um Brasil ficcional onde o mártir republicano não é Tiradentes, mas o líder da Conjuração Baiana de 1798, João de Deus Nascimento. Negro, culto e hodierno, João de Deus espalhou folhetins contra a despótica administração portuguesa, denunciou a condição dos escravizados e literalmente incendiou o Pelourinho, em Salvador. Fez valer os princípios da Revolução Francesa melhor do que os franceses e, diferentemente da Inconfidência Mineira, propôs abolição irrestrita a toda população escravizada. Assim como as outras lideranças da Conjuração, foi preso e executado. Nesse Brasil ficcional, João de Deus teria sido levado para rezar a sua última missa na Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, na Rua Uruguaiana, um templo sincrético que concilia, até os dias de hoje, as diferentes crenças dos brasileiros. Nos arredores, haveria uma praça em seu nome, rodeada por teatros que festejam a diversidade e o vigor cultural de um país que fez as suas contas com a História. Contudo, esse Brasil, que ainda não existe, só nos é acessível num imaginário popular. É um delírio criativo que dá sentido às especulações do que seria, realmente, um país igualitário. Mas para ser pensado, esse delírio precisa criar uma compreensão coletiva para uma história que foi e, acima de tudo, ainda é, violenta. Se na realidade não existem atalhos, na imaginação tudo está ao alcance. Resta a nós colocarmos em prática, nem que seja por um suspiro opioide, nem que seja por protesto, uma ficção que celebre a vida de todos os brasileiros.

ROUGH
TRADE
ROUGHTRADE.COM

ST. PA

BIA ♥ VITO
TVK

11
TVK

No desejo de interpelar cânones, lanço dados que podem lançar outros dados e intenciono que essa pesquisa, que não encontra fontes suficientes, motive você, leitora, a elaborar também a busca por essas fontes e esses relatos. Ensaio algo além de um critério de verdade e de nacionalidade, porque se eu atualmente escrevo é dado que narrativas-outras também vigoraram e tornam possível aquilo que praticamos hoje... Olhando de uma mirada não-cronológica, não-linear e retrospectiva, a presença de pessoas negras no modernismo brasileiro (na pintura, na performance, no cinema e no teatro) são também desdobramentos do Teatro Experimental do Negro, grupo de teatro intencionado a publicar, profissionalizar e alfabetizar profissionais negres do teatro, que se iniciou na década de 1940. Um de seus fundadores é Abdias do Nascimento, que participou em vida de diversas exposições no mundo, sobretudo em espaços de arte negra e em centros culturais, mas seu trabalho plástico só seria incorporado em coleções de museus de arte contemporânea e comercializado em galerias muito mais recentemente. Participo atualmente de uma exposição coletiva com curadoria de Keyna Eleison e Victor Gorgulho no espaço da Carpintaria, que se chama Escrito no corpo. Lá estão expostos alguns arquivos desse grupo de teatro e a pintura Oxumaré Ascende (1972), de Abdias.

A galeria fica localizada próxima da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, da Rede Globo e do Jockey Clube, entre o Jardim Botânico, a Lagoa e a Gávea. Estou ali com um trabalho de coreografia que foi feito, inicialmente, em torno da primeira escultura pública do Brasil, que fica localizada na praça Tiradentes, praça nomeada em homenagem a um líder republicano (Tiradentes) mas que exibe uma escultura imperial, de Pedro I, colocada sobre alegorias de grupos indígenas. Foi uma encomenda da Academia Imperial de Belas Artes e sua colocação sobre um pedestal de pedra naturaliza o apagamento de etnias que sofrem violência ainda hoje para instituir esse mesmo território imperial, nacional. No início desse conjunto de situações que chamo Devolta, as imagens do monumento de Pedro I circulado de fogo proliferaram na internet e chegaram em fóruns sobre patrimônio público ou mesmo grupos policialescos. A pergunta que ali se fazia era a traiçoeira “Isso é arte?” ou “É isso o que artistas fazem hoje em dia?”. Perfis policiais começaram a marcar presença em minhas redes sociais, pessoas que se autodeclaram monarquistas me chamaram de “traidora da pátria” e fizeram ameaças a mim e às minhas colegas. Pátria. Vale lembrar que minha situação não foi imediatamente entendida no campo da arte e que eu não usei nenhum recurso artístico para o acontecimento. O posicionamento dessas pessoas, em relação à minha movida, é também parte da coreografia - que segue sem prejudicar nenhum patrimônio, sem afetar a integridade de nenhuma vida e sem queimar nenhum arquivo, mas ainda ressoa. Afirmar que situações como essa não podem ser artísticas é também entender, entre apreciações e depreciações, que nada que não seja restaurador da própria instituição da família colonial pode existir, o que seria prazerosamente menos difícil se nós, como um todo, tivéssemos estudado mais Exu nas escolas, por exemplo.

No momento em que escrevo isso, a praça Tiradentes está também dentro dessa galeria, junto com os arquivos do Teatro Experimental do Negro. Também é relevante situar esta exposição no mês de novembro, mês seguinte à ArtRio de 2020, uma semana antes das eleições quadrienais da prefeitura do Rio. Esse mês é também conhecido mês da consciência negra e, nas redes sociais, atualmente, existem pessoas que se referem a esse mês como comemoração da paciência negra, o que não deixa de ser uma verdade, pois a data do dia 20 passa a ter validade em 2011, apesar de ser uma reivindicação oficial do movimento negro desde os anos 1970. Essa paciência

política também se dá no campo das artes. Os ciclos de valorização que permitem hoje a entrada de pinturas de Abdias do Nascimento nos espaços sistemáticos de crítica e comércio de arte fazem com que ele seja atualmente um dos artistas representados pela Mapa Galeria. A visibilidade negra se encontra em alta nas revistas, jornais, grifes, programas de televisão, séries, podcasts e veículos de representação em geral, mas nem sempre foi assim. Situado o contexto, estético, geográfico, político e coreográfico que faz com que corpos, olhos e desejos de arte se desloquem em ondas imateriais de valorização, movidas críticas de hoje em dia fazem encontrar nomes importantes da história da arte brasileira e o trabalho plástico de Abdias do Nascimento, na relação de objetos de arte.

Minha participação nesta exposição, junta com esses arquivos históricos e artistas atuais como Panmela Castro, Efrain de Almeida, Castiel Vitorino, me faz evocar o lugar que Abdias ocupa em cabeças diaspóricas, aquele de um ancestral em sobrevida. A trajetória de Abdias é também contraditória, como multiartista que também foi personagem político de seu tempo e negociou circuitos historiográficos diversos, desde a participação na Frente Negra Brasileira, o racha com a Ação Integralista Brasileira até a proposição, enquanto senador eleito pelo PDT, da LDB 10.639 para ensino da história e cultura afrobrasileira nas escolas. Por outro lado, falarei aqui sobre suas proposições plásticas, porque estética e política não são matérias distantes.

Abdias pintou desde os anos 60, também trabalhou com a performance do corpo negro desde os anos 40, residiu em Nova Iorque nos anos 70, no auge do movimento black power, e elaborou nas suas telas jeitos de representar espaços, geometrias, símbolos e figuras, primeiramente na matriz litúrgica do candomblé e, depois do seu retorno do exílio, elaborando simbologia pan-africanista. Começa a pintar a partir da provocação de Efraín Tomás Bó, ainda no Rio de Janeiro, mas essa prática viria a se desdobrar nos Estados Unidos, quando morou provisoriamente com a pintora Ann Bagley, em Manhattan, e utilizava telas e tintas que eram deixadas por ela.

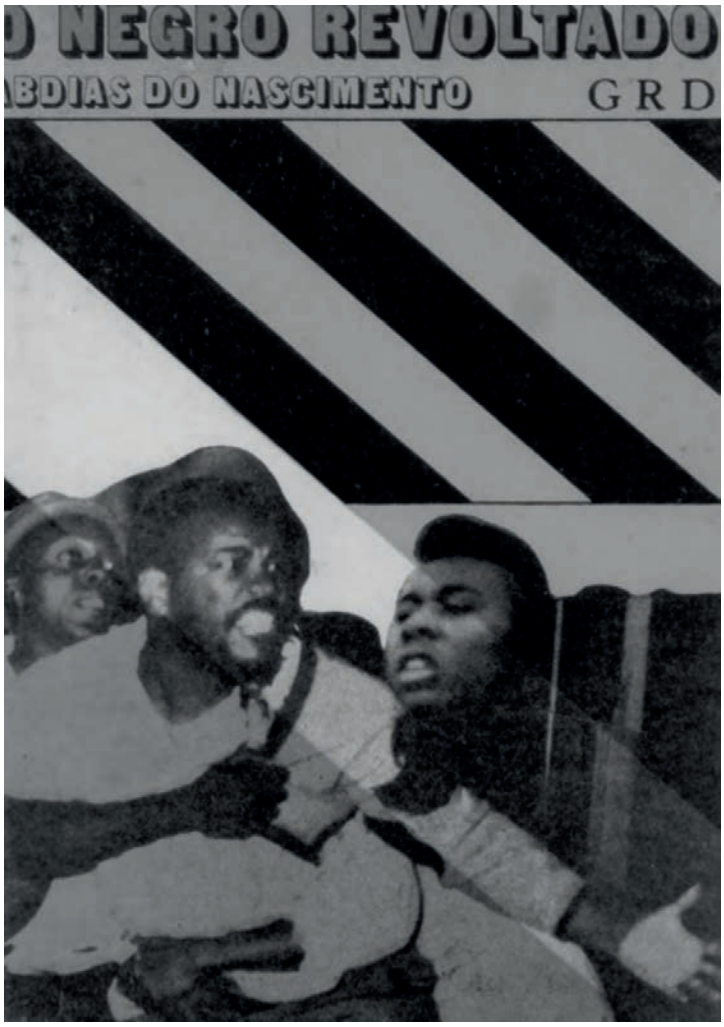
O interesse pela pintura fica marcado na trajetória de Abdias pelo menos desde o projeto para o Museu de Arte Negra, que organiza conjuntamente em 1950, após o I Congresso do Negro Brasileiro, como parte da experiência do Teatro Experimental do Negro (TEN) no Rio de Janeiro. Nesse congresso, o texto de Mário Barata "A escultura de origem africana no brasil" serve como instigador para a falta de museus que examinem as funções que objetos de arte negra estabelecem na relação entre grupos raciais e a sociedade. Depois de escrever sobre as pinturas do MAN na revista Galeria de Arte Moderna, Abdias se dedica à prática da pintura, ainda em 1968, que seria o mesmo ano de seu exílio.

Sobre pintura

Elisa Larkin menciona que, durante o exílio, a pintura de Abdias buscava simbolicamente uma forma de expressão enquanto estrangeiro nos Estados Unidos que não dominava a língua inglesa. A saída do Brasil estava vinculada naquele momento ao golpe civil-militar, que cassaria os movimentos negros e também os grupos intelectuais interessados na valorização do negro e em pesquisas de arte popular (note: não são uma "mesma coisa"). A pesquisadora Dária Jaremtchuk, no artigo Abdias do Nascimento: um pintor de arte negra se refere a esse mesmo intervalo de tempo a partir de relatos de outras artistas contemporâneas de sua época, como Hélio Oiticica e Anna Bella Geiger. Em carta trocada por Oiticica com Torquato Neto, em outubro de 1971 (hoje localizada no Arquivo Hélio Oiticica) fala-se que Abdias "está por cima da carne seca: casa enorme (ele ensina na Universidade com intérprete especial pois não fala inglês, sobre

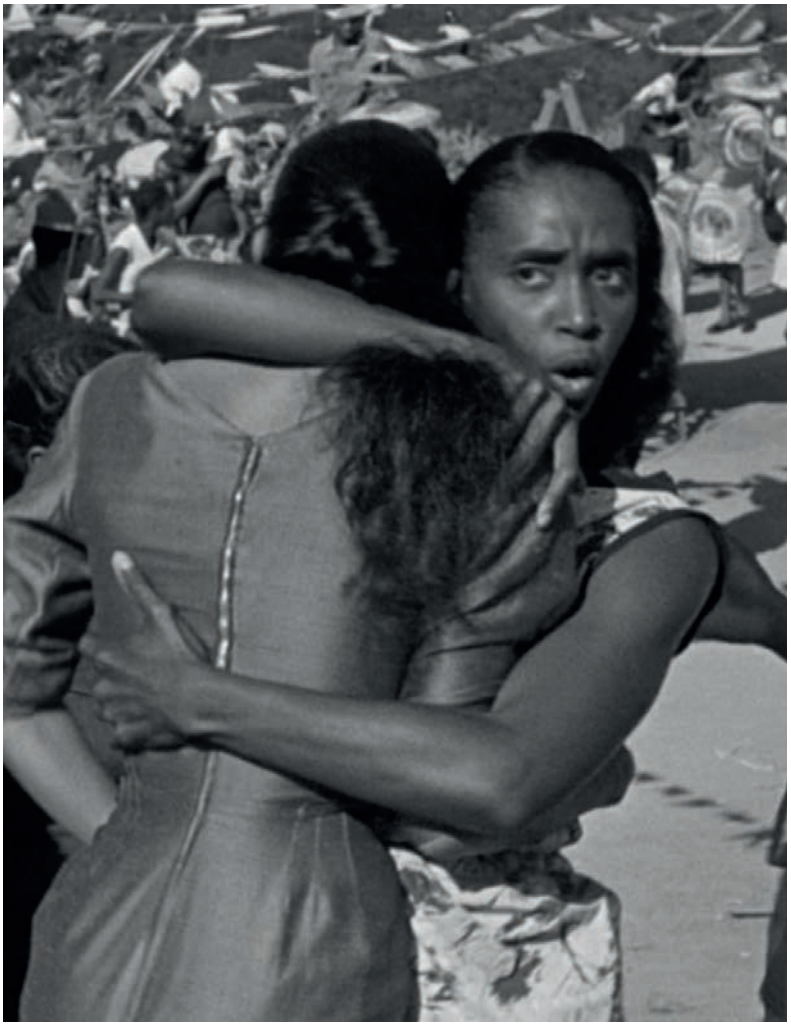
Abdias e coração, Anna Bella Geiger, 1967. Encontrado em “O negro revoltado”, publicado a partir do I Congresso do Negro Brasileiro.

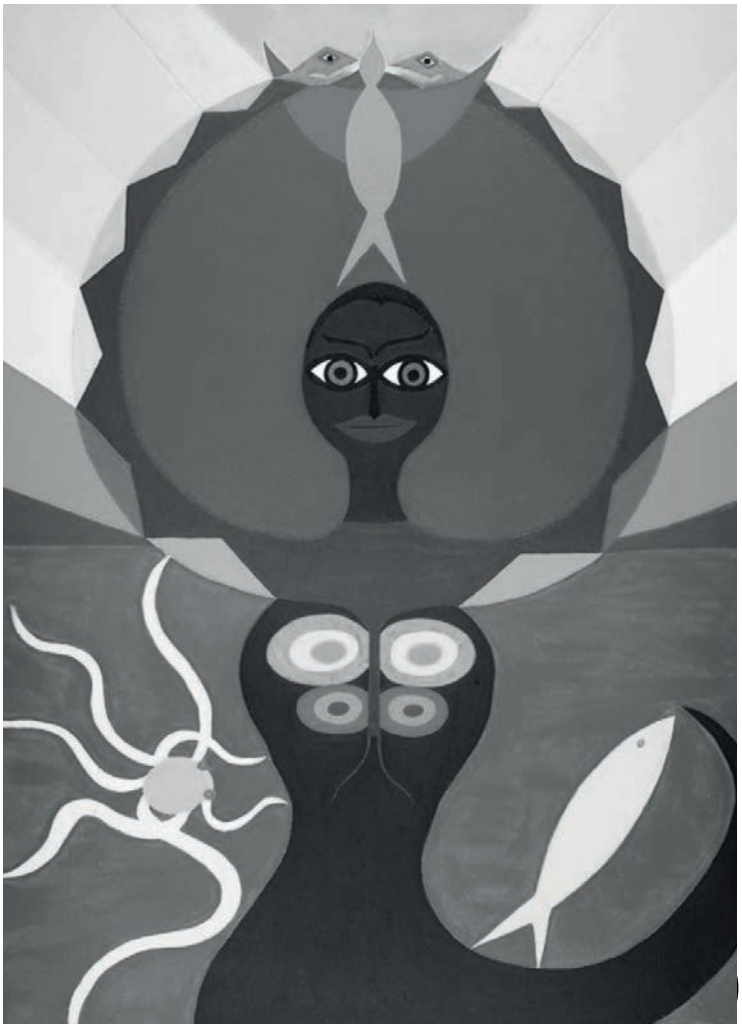
A primeira edição do livro data de 1968 e tem capa elaborada por Rubens Guerchman, artista plástico e diretor da Escola de Artes Visuais do Parque Lage de 1975 a 1979:



Lea Garcia em Orfeu Negro (1962), de Marcel Camus.

Tema para Léa Garcia – Oxunmaré (1969), pintura de Abdias do Nascimento.





cultura africana; calcule!)" e, em entrevista com a mesma pesquisadora, Anna Bella Geiger "lembra-se de recebê-lo para jantar com certa frequência e que, por questões econômicas, o prato servido era sempre macarrão", o que demonstra que essas artistas habitaram o mesmo campo, se não de trabalho, ao menos de sociabilidade.

A primeira vez que vi uma pintura de Abdias em meio a um contexto museal foi em O Rio do Samba. Lá estava exposta Totem da liberdade (1974), que mistura grafismos geométricos de Exu e de Oxóssi e tem formato vertical de coluna que aponta para cima. No mesmo ano, uma pintura, que intervém sobre a bandeira nacional com a saudação "Okê okê okê okê" integra a coleção do MASP a partir da exposição Histórias Afro-Atlânticas. Voltando ao MAR dois anos depois, na exposição Casa carioca encontro o desenho de uma bandeira do Brasil na qual Abdias adiciona um machado de Xangô, deus e rei iorubano, o que diz respeito ao entendimento de Abdias do quilombismo como projeto nacional; essa bandeira fica posicionada, em Casa Carioca, de frente a um relevo espacial amarelo de Hélio Oiticica, o que me faz pensar quanto tempo as coreografias de inscrição da arte ocidental iriam reservar até colocarem próximos dois artistas contemporâneos entre si.

Há pelo menos quarenta exposições individuais de Abdias até 2020, entre elas o IPEAFRO menciona, entre 1969 e 1970, exposições em Harlem Art Gallery, Crypt Gallery, Malcolm X House e Gallery Without Walls, mas foi em 2019 quando houve sua primeira individual em uma instituição como o Museu de Arte Contemporânea de Niterói, como veio a ser Abdias um espírito libertador.

Teatro Experimental do Negro

As estratégias do Teatro Experimental do Negro eram diversas, incluíam publicar, alfabetizar e profissionalizar atores e atrizes para que pessoas negras tivessem formação para subir aos palcos, escrever peças, trabalhar com cenografia e dirigir encenações. O TEN vem da década de 40, quando Abdias, a partir de uma viagem à Argentina, se junta com Maria de Lurdes do Nascimento e Guerreiro Ramos e se posicionam contra a encenação de black faces por atores brancos. Se na sociedade colonial, do século XVI ao XIX, o teatro era um lugar desvalorizado que "não se recomenda a um branco como profissão", em um segundo momento, da passagem do segundo império à república, quando se torna um veículo de criação de valor e, seguidamente, de aclamação popular, o negro é excluído dos palcos. A partir das comédias de costumes, da metade do século XIX, personagens negros passam a ser representados por pessoas de etnia branca com rostos pintados de preto, o negro no teatro é até então personagem secundário, sem valor dramático, moleque, mucama, escravizada, ali esses personagens reificam o valor para a própria sociedade colonial racializada, reproduzindo um paradigma desvalorização racista.

A Casa do Estudante do Brasil, na praia do Flamengo, foi ponto de encontro do Teatro Experimental do Negro com os Centros Populares de Cultura da UNE. Este movimento produziria o filme 5x Favela, dirigido por Cacá Diegues, Joaquim Pedro de Andrade, Leon Hirzman, Miguel Borges e Marcos Farias, uma obra dividida em cinco curta-metragens onde eventualmente aparecem integrantes do TEN, como Abdias do Nascimento, Milton Gonçalves, Zózimo Bulbul e Waldir Onofre. O filme é um dos marcos iniciais do Cinema Novo, que navegava nas vias do realismo social com estratégias do cinema moderno internacional, como do Neorrealismo italiano, apostando no uso de não atores e narrativas do cotidiano.

Zózimo Bulbul reivindica, em entrevista

cedida ao Cultne já nos anos 2000, sua participação no cinema novo. “Os militares ficaram com medo do Cinema Novo, do qual eu fiz parte. É, nós fizemos parte sim, em vários filmes que fizemos em cima inclusive da experiência do Orfeu (Negro)”. O ator e diretor se refere ao filme de Marcel Camus, rodado nos anos 60, enquanto ele participava do CPC. Mas Orfeu Negro (1959), antes de ser um filme de coprodução franco-brasileira, foi também a segunda peça encenada pelo TEN no Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 1956! Com cenografia de Oscar Niemeyer, tinha Abdias, Haroldo Costa e Léa Garcia no elenco e direção de Léo Jusi. O sucesso internacional do filme de Marcel Camus não ressoou internamente no Brasil, tanto que o Ministério de Relações Exteriores não inscreveu o filme em mostras internacionais. As instituições francesas, por outro lado, tomaram a frente e Orfeu Negro (1959) ganhou Cannes (Palma de Ouro) e Oscar (Melhor filme estrangeiro) em 1960. Filmado em Technicolor, no morro da Babilônia no Rio de Janeiro, o filme tem elenco majoritariamente negro. Léa Garcia participa desse filme, tendo antes feito parte do TEN, integrou o festival O’Neill (1954) e a encenação de Sortilégio (1957); em seguida, participou de filmes como Ganga Zumba (1962), Quilombo (Carlos Diegues, 1984) e Compasso de espera (Antunes Filho, 1973).

Lea Garcia em Orfeu Negro (1962), de Marcel Camus em e Tema para Léa Garcia – Oxunmaré (1969), pintura de Abdias do Nascimento.

Há um movimento paradigmático entre a depreciação e a assimilação em torno da arte moderna ocidental: as estátuas africanas, que em um primeiro momento são vistas como objetos de “magia negra” e expropriadas para museus de antropologia de Paris, Londres, Berlim e Bruxelas, cujos acervos são fruto da violenta ação imperialista do século XIX. Esses museus seriam em um segundo momento frequentados por artistas como Derain, Picasso e Matisse no início do século XX, que ficam interessados em uma guinada antropológica da arte, adquirem também para si esculturas africanas e passam a conviver com elas em seus ateliês. Posteriormente, suas produções retornam aos museus: não como objetos antropológicos mas enquanto arte moderna.

Este não é um fenômeno isolado, posto que o privilégio no acesso aos museus, às publicações, aos palcos não é um fenômeno isolado. Essa facilidade demonstra antes uma face do contexto geral da despossessão de terras, comunicação, educação e outras instituições por parte de pessoas não-brancas. Abdias fala isso no Documento II do livro O genocídio do negro brasileiro em “Teatro Negro Brasileiro: uma conspícua ausência”, no qual se refere ao fato de o Ministério das relações exteriores do Brasil não ter demonstrado interesse de aprofundar os debates políticos em torno de problemas raciais para o FESTAC77, em Lagos na Nigéria, que comemorava a recente independência de países africanos, onde à época ele era residente da Universidade de Ilê-Ifé.

Assim, também, as presenças de atrizes plurais, como Léa Garcia, Arinda Serafim, Ruth de Souza e Zózimo Bulbul, em diversas telonas e palcos serviriam como influência e também como condição de possibilidade para as artes modernas de cunho nacional, porque essas artistas estiveram agindo nos mesmos campos. Acredito que cultura diz respeito a alguns encaixes imateriais que mediam nossa relação material com as coisas em torno. Tanto imaterial também é o valor da inscrição por meio de museus, críticos, festivais, galerias e suas intenções no tempo que nos fazem interpretar os objetos do passado que são

MORETZ

02

RÁDIO DESVIO

Clara Moretzsohn, mais conhecida pelo apelido Moretz, é a embaixatriz do house, da disco e do soul no Brasil. Residente da 1010, festa apoteótica de Belo Horizonte, Moretz já esquentou algumas das maiores pistas do país com ritmos vibrantes e sets memoráveis. Figura extremamente querida no Desvio, Moretz se despede da Rádio Desvio com respostas repletas de relíquias.

MORETZ

02

RÁDIO DESVIO

De que música você nunca enjoou? Aquela que de vez em quando você se pega dando replay.

“Don't Stop The Music”, do Yarbrough & Peoples. Sou obcecada com essa música desde que sou pequena. Meu pai a colocava no talo, e eu ficava ajoelhada no banco de trás do carro. Ele freava no ritmo da batida e eu ficava balançando, morrendo de rir! Eu achava o máximo (e um pouco perigoso, talvez?). Acho que foi a primeira música que me tocou de verdade. Até hoje eu passo mal com o baixão envolvente dela! O clipe é maravilhoso também, ficava hipnotizada quando meu pai colocava.

Que música você considera perfeita para começar um DJ set?

Nossa, “Discophon” do Sven Vath pra mim é a música perfeita pra começar um set! Na maioria das vezes eu gosto de já começar com tudo, mas com algum mistério... Essa música é isso, bem pegadona cheia de barulhinhos e um pianinho engraçado, e tem um synth meio vibes mistério... E também é acelerada! Eu fiquei bem passada quando descobri essa música, e esse álbum todo do Sven Vath na real [Fusion, de 1998]. Tech House dos bão!!! Eu achava que as músicas dele não eram boas, rs, acho que ele tem outra pegada hoje em dia. Enfim... Acredito que já abri algum set em alguma festa por aí com ela, e é certo que vou fazer isso de novo!

Você foi bookada para um casamento. Qual música não pode faltar no seu pen drive?

Nossa... Acho que várias antiguera iam ter que estar nesse pen drive, né... Mas acho que visualizo bem um momento com “Love Sensation”, da Loleatta Holloway. Todo mundo bêbado de espumante dançando e chorando, carregando xs noivxs... Sei lá, acho que se algum dia eu casar essa música vai ser o momentão delas!

Aquela música perfeita para resgatar uma pista que está morrendo?

Eu acredito fortemente que quando a pista tá morrendo, o povo tá meio cansado já, um disco pra dançar arrochadinho e dar uma respirada salva tudo! Uma dessas que eu amo é “The Spirit's In It”, da Patti LaBelle! Já revivi uma pista com essa aí e deu certo, rs. Começa só com um vocalzão, daí a música entra maravilhosamente e nossa, tudo nessa música pra mim é perfeito e maravilhoso! A voz da Patti é surreal! Aquelas músicas que te fazem feliz instantaneamente, sabe? Ai que saudade de uma pistaaaaa!

Que música revela um lado pouco conhecido da Moretz?

Difícil essa... mas acho que The Offspring, "Self Esteem". Quando tô com raiva eu coloco essa música e canto bem alto, espanta os demonho tudo!!! Eu amava muito The Offspring quando era adolescente, fui em um show deles sozinha porque nenhum amigo queria ir comigo. Acabei fazendo amizade com uns boyzão que me protegeram na hora dos mosh, foi bom d+!!!

A Rua - 03 - Ramalho Ortigão
por Guilherme Guedes

Ramalho Ortigão foi um escritor português, notório autor de crônicas que registravam e comentavam os hábitos de Portugal no fim do século XIX. Para além dos textos, mas não do universo literário, ficou famoso por ter sido ferido e derrotado em um duelo de espadas contra Antero de Quental, outro escritor português.

O duelo entre Ortigão e Quental foi o ápice e o fim da Questão Coimbrã, um imbróglio entre duas gerações da literatura portuguesa na segunda metade dos 1800. Uma injustificável e oca exibição de bravata e poder, como tantas que nos cercam até os dias de hoje.

De um lado da Questão Coimbrã estava a Escola Romântica, defensora das tradições acadêmicas e formais da literatura portuguesa. Um de seus representantes era Antônio Feliciano de Castilho, autor romântico que, em texto assinado em meados de 1860, pesou a mão ao criticar a nova geração de escritores portugueses, listando-os como responsáveis pela “destruição da beleza literária”. Do outro lado, representando a Escola Realista, estavam escritores mais novos, ligados à Universidade de Coimbra, que se inspiravam em autores franceses e defendiam um raciocínio mais crítico e libertário. Um dos principais nomes desse segundo grupo era Antero de Quental, escritor e poeta nascido nos Açores.

Quental se viu diretamente atacado no texto de Castilho e resolveu tirar satisfação. Publicou uma resposta intitulada “Bom Senso e Bom Gosto”, em que defendia as liberdades tomadas pelos realistas ao adentrarem o circuito literário e acusava a geração romântica de “hypocrisia (sic) e falsidade”.

Eis que surge, repentinamente, Ramalho Ortigão. Em idade e estilo literário, o portuense estava mais próximo dos realistas, mas tinha uma paixão bufante pela nação portuguesa, suas belezas naturais e seus costumes. Ninguém pediu, mas em 1866 ele escreveu "Literatura de Hoje", folheto em que, ao buscar a imparcialidade, ofendeu os dois lados. Castilho desconfiava da atitude de Ortigão, e o jovem grupo de Quental, de hormônios aflorados, ficou tão ofendido com a tentativa de pacificação que propôs uma resolução violenta para a disputa.

Em 6 de fevereiro de 1866, sob o Sol de Aquário, Quental e Ortigão se encontraram para um duelo de espadas no Jardim de Arca d'Água, na Praça 9 de Abril, no Porto. Os detalhes sobre a luta são escassos, mas o resultado é frequentemente relatado na literatura disponível sobre o conflito de gerações: Ortigão saiu ferido, e sua derrota se tornou o marco do início do realismo português.

Poucos anos depois, Ramalho Ortigão se juntaria aos realistas em As Farpas, série de crônicas fundada por Ortigão e Eça de Queiroz, um dos maiores nomes do realismo português. Os textos, publicados a partir de maio de 1871, traziam reflexões variadas sobre o modo de vida local, mas não despertavam o interesse de Eça, que em um dos volumes escreveu: “todo este livro é um riso que peleja”. Eça abandonou o projeto após um ano, e por outros dez, até 1882, Ortigão continuou a publicar As Farpas sozinho.

A totalidade de As Farpas foi compilada em onze cadernos a partir de 1887. No primeiro deles, daquele mesmo ano, Ortigão assina a crônica “O Natal Minhoto”, em que reflete sobre as tradições natalinas portuguesas e aponta as discordâncias geracionais entre os jovens, maravilhados com as alegrias do período natalino, e os mais velhos, para quem o fim de ano é também época de reviver lutos e traumas. “Não, a vida não é uma festa permanente e imóvel”, escreveu. "É uma evolução constante e rude”.

NOME DO CAPÍTULO

00

O SOM

As festas, os sets, os lives
e os shows; a cena musical
do Desvio, de acordo com a
programação semanal do bar

FESTA ATÉ AS
(MÚSICA CASA)
DJDUE · GUERRINHA · NAU
CAB b2b AKIN

Segundas-feiras: MONO e Jazz no Desvio

Por Guilherme Guedes

Na Roma antiga, a segunda-feira era chamada de Lunae dies, ou “dia da Lua”. A tradição de homenagear astros nos dias da semana (as terças eram Martis dies, “dia de Marte”; quartas, “dia de Mercúrio”, eram Mercurii dies, e por aí vai) permaneceu intacta até os católicos portugueses, sempre eles, decidirem fazer diferente. No século VI, o bispo Martinho de Dume decidiu “despaganizar" os dias da semana, e os rebatizou de acordo com expressões católicas. Com exceção de sábado - Sabatum, do hebraico Shabat, o "dia de repouso" - e domingo - Dominica dies, o “dia do Senhor” - todos os dias viraram Feria, que no latim cristão significava algo como “dia sagrado”. Secunda feria, Tertia feria, etc. A segunda deixou de ser o dia da Lua para ser apenas mais uma coadjuvante.

Salvo em situações excepcionais, o mínimo que se espera de uma segunda é que o tempo siga seu fluxo normal rumo ao restante da semana. É o mais útil dos dias úteis e, por isso, também o mais desprezado deles. Assim, é no mínimo curioso que as noites mais fascinantes, misteriosas e perturbadoras das semanas do Desvio fossem as de segunda-feira, as noites que, numa cidade tão movida pelo Sol, encerravam o que um dia foi chamado de o dia da Lua.

Logo no primeiro mês de funcionamento do barzinho, as segundas-feiras foram escolhidas como datas de experimentação. Foi o dia escolhido pela gestão do bar para dizer aos habitués do centro antigo que ali era lugar de festa e de hedonismo, mas também podia ser um espaço capaz de instigar diálogos densos entre as ruas e os limites da produção musical carioca.

No dia 17 de junho de 2019, o Desvio recebeu o lançamento oficial do selo Psicosônica, fundado pela produtora musical e estudante Letricia, que define a iniciativa como um veículo de "produções sonoras, artísticas e psíquicas”. Como produtora, Letricia conduz lives aflitivos, sujos, frequentemente improvisados em uma groovebox Roland MC-303 - uma máquina japonesa lançada em 1991 que permite sequenciar batidas, melodias e efeitos diversos. Foi munida desse equipamento que Letricia convidou outros músicos para uma noite longa e agressiva de som no Desvio, com ecos de noise e outras escolas de abstração sonora. “Foi alucinante”, lembra. "Tocar no Desvio era tocar na rua, era gerar uma situação de confronto. O noise é um som que te faz questionar, que te faz sentir coisas que às vezes podem ser conflitantes com a situação de um happy hour. E essa era graça: colocar à disposição de quem estivesse ali, fossem transeuntes ou o público do bar, uma outra proposta de musicalidade".

Na semana seguinte ao lançamento do Psicosônica, o bar recebeu a primeira de muitas edições da MONO. Dali em diante, a cada quinzena e sempre às segundas, o músico, produtor cultural e pesquisador Bernardo Girauta escalava um ou vários artistas da cena experimental eletrônica para apresentações intencionalmente inquietantes.

“A cena de noise estava crescendo bastante em 2019. No início, a MONO seria um evento só de drone, que são sons que se estendem por muito tempo com alterações muito lentas. A ideia era produzir um contraste entre esse som lento, monótono, e a correria da rua em frente às 17h, aproveitando a localização do Desvio”, explica Girauta, que decidiu mudar o horário do evento ao perceber que o choque com o mundo exterior, em horário comercial, era forte demais. "Deu merda com a vizinhança (risos). O J.P. Caron tava tocando um drone bem agudo, e aí desceu uma aluna da Villa-Lobos dizendo que aquilo era baderna. A gente não deu muita bola não, continuamos tocando. Mas depois mudamos o horário para as 20h”, conta. Fundada em 1952, a Escola de Música Villa-Lobos ocupa o número 9 da Ramalho Ortigão e é uma

das instituições de ensino musical mais tradicionais do país.

Não era raro ver os pedestres franzindo o olhar ao cruzar a rua nas noites da MONO. Para Girauta, esse incômodo era a prova que o evento havia atingido a proposta. "Quem trabalha com arte não pode se importar muito com isso, senão não faz nada", analisa. "Mas o que afasta alguns, atrai outros. Então aos poucos começamos a construir um público que ia sempre, e não só a comunidade do noise".

O músico, compositor e multi-instrumentista Antonio Secchin, que adota o pseudônimo Tunico, tem uma visão similar à de Girauta quando o assunto é o viés desafiador das segundas-feiras no Desvio. "Os eventos de segunda tinham um papel importante de mostrar que existem outras formas de vivenciar a música", comenta. "Eu achava o máximo que o bar ficava em frente à Villa-Lobos, um lugar que lida com a música de uma maneira mais acadêmica. Os alunos saíam das aulas e davam de cara com aquele som louquíssimo".

Tunico foi um dos idealizadores de outro evento recorrente nas segundas: o Jazz no Desvio. "A primeira vez que eu fui ao Desvio foi a convite do meu amigo Julinho Santa Cecília, que é o DJ Guaraná Jesus. Era um dia bem experimental. A Letrícia tocou com a gente, fez um som bem interessante, um techno meio darkzeira, e depois rolou uma banda de noise muito louca", resgata. Contente pela descoberta de um novo espaço aberto à música estranha, Tunico propôs a criação do Jazz no Desvio, um projeto que, segundo ele, se limitava ao jazz somente no nome. "O nome reduzia o que a gente fazia ali. Eu gostava de variar as pessoas que tocavam comigo, então virou um laboratório em que eu podia convidar músicos diferentes, experimentar coisas novas, testar coisas diferentes. Foi maravilhoso".

Letrícia, Girauta e Tunico concordam que o fechamento do Desvio é uma grande perda para a cena experimental do Rio, carente de espaços desde muito antes da pandemia aparecer. "É um vazio imensurável", pesa Letrícia. "Era um lugar muito único por conta dessa mistura muito foda que atravessava todas essas barreiras de grupos, tribos, subgrupos e espectros sonoros. Todo mundo podia experimentar, ouvir, participar das variantes do que se tinha como cena de música no Rio de Janeiro na época". Para Tunico, a diversidade do público refletia diretamente na produção artística. "No Desvio as pessoas podiam se vestir como quisessem e se relacionar com quem quisessem sem se sentir julgadas. E isso passava pro som. Quando a pandemia passar, a gente vai ter que encontrar espaços novos para exercer essa liberdade", afirma.

Girauta reverbera a visão de ambos, mas reforça que o fim do bar não representa uma abreviação da cena experimental, que sai maior e mais forte depois do Desvio. "O espaço acabou, como outros também acabaram, mas todas as conexões criadas seguem vivas em nós, e vão ficar cada vez mais evidentes em novas produções e encontros que virão, principalmente quando conseguirmos sair desse buraco. O fio continua", garante.

Terça-feira: ao vivo no Desvio

Por Guilherme Guedes

Não há dúvidas que a música produzida eletronicamente, tocada ao vivo ou gravada, dominava as ondas sonoras no Desvio e arredores na maioria das noites. Mas nem só de synths, samples e beats vive a produção artística contemporânea, e o Desvio precisava acomodar a música não-eletrônica na programação. Era uma forma de atrair outro público, promover outras trocas e espalhar a palavra do barzinho a outros fazedores de cultura do Rio. Foi decidido, então, que a terça-feira seria o "dia dos shows", reservado para apresentações solo ou de bandas de samba, indie rock, MPB, forró, jazz ou quaisquer outros gêneros musicais cujo foco não é a pista.

"Quando a segunda-feira virou o dia do noise, e depois também do jazz, a gente precisou achar esse espaço para as bandas que fazem outros tipos de som, fossem bandas novas ou com mais tempo de estrada", explica Anna Pitthan, a principal responsável pela curadoria artística do bar. Fugindo do que seria a programação normal, as terças aproximaram o Desvio de um público que não frequentava as raves ou os inferninhos, e ajudaram a aproximar as relações com a Villa-Lobos: ainda no primeiro mês de funcionamento, o Desvio passou a receber, sempre às terças, apresentações de alunos da escola, fossem violonistas clássicos, percussionistas ou cantores líricos.

"Era diferente tocar no Desvio, num ambiente que era um pouco rua, um pouco calçada, um pouco pista", afirma a cantora e compositora Bel Baroni, que em duas oportunidades escolheu o Desvio como espaço para celebrar o lançamento de novos trabalhos - um EP e um clipe. A artista ainda lamenta o fim do bar, e demonstra preocupação com o futuro da cena musical independente no pós-pandemia: "A gente tá vendo o fundo do fundo do poço com essa pandemia, porque o Rio já estava bastante carente de circuito de casas de show para artistas independentes, e de incentivo cultural em geral. A gente fazia um caldo com o pouco que tinha - tanto frequentadores, quanto artistas e produtores. Agora, nem sei, ainda é difícil imaginar o que vai ser".

Caio Paiva, integrante do quarteto Ovo ou Bicho, lembra com saudades das duas apresentações do grupo no Desvio. "Sempre gostei de tocar no Desvio por ser virado para a rua", diz. "Tinha alguma mágica ali. O som era sempre uma merda, a gente tinha que levar e montar tudo e acabava levando prejuízo, mas era sempre bom. Eu curti muito todos os shows e em todos eu tava bem doidão (risos)". A relação do grupo com o espaço era tão boa que o Desvio foi o cenário para a gravação de um clipe do Ovo ou Bicho, para a faixa "Moços", lançado em julho de 2020. "Eu pensei que aquele era o lugar perfeito para a gente filmar, porque além de ser um lugar lindo, cheio de ganchos estéticos, tinha essa coisa tão particular que é o show acontecer do lado de dentro e o público ficar na rua, como se estivéssemos tocando em uma vitrine", relata.

O DJ e produtor musical Guerrinha (40% Foda/Maneiríssimo), costumava passar a maior parte do tempo em que estava no Desvio atrás da cabine de DJ, mas em algumas ocasiões promoveu noites de improviso no bar, com repertório musical mais voltado para o jazz. "Não tinha palco, não tinha nada que funcionasse como um típico local de perfomance. Realmente parecia que a clientela era parte dos shows - às vezes chegava alguém do nada e decidia tocar. A cultura precisa [desse tipo] de espaços, e o Desvio permitiu que muitas pessoas vissem que é possível ter um espaço sem ter que fazer sacrifícios de curadoria".

Foi no carnaval de 2019...
Por Kenya 20Hz

A todos os espectadores atentos às movimentações da cena noturna carioca, uma cena comparável à implacável imagem de uma frenética dança das cadeiras. A esse espectador, que transitava pela noite do Rio de Janeiro ali em meados de 2018, começava a ficar evidente que, nessa descrição alegórica e pontual, a quantidade de cadeiras disponíveis era totalmente desproporcional ao número de participantes que chegavam para dançar. Os familiarizados a esse jogo podem até dizer que é assim que ele funciona, mas nesse caso, as poucas cadeiras que sobravam já estavam com seus assentos ocupados e era óbvio que nem tão cedo alguém ousaria a se levantar.

Ao longo dos cinco anos de um período que poderia ser descrito como a grande primavera da música alternativa carioca, de 2013 a 2018, pipocavam semanalmente da Baixada à Zona Oeste, passando pela Zona Norte e a Zona Sul, grandes eventos de rua e bailes underground como Wobble, Claps!, Kilariô, Breakz, Batekoo, Doom e Puff Puff Bass. Mas, paralelamente, depois das eleições, uma tragédia se anunciava: o novo governo do Rio de Janeiro tinha como plano não apenas retirar as cadeiras do jogo, mas fazer toda a música parar de vez.

Só que aí veio o carnaval. E todo brasileiro, especificamente o carioca, sabe muito bem que quando se trata dessa época do ano, a regra é clara: não há regras, e não existe decreto ou credo que possa mudar isso. E dentre as várias opções de blocos e ritmos mais tradicionais ao ciclo carnavalesco, parecia realmente que o povo queria algo mais. Então, foi no carnaval de 2019 que, mesmo vivendo às mazelas daquele que seria o início de um dos mais eficazes DESgovernos do Rio de Janeiro, aconteceu a estreia não-oficial de um bar discreto, numa viela do ponto mais central da cidade: o Desvio.

Aquela pequena rua estava abarrotada de gente, e o som era uma sequência de afrobeat que rufava em apenas uma caixa de som. Chegando perto, pude ver quem era a responsável pela seleção: a DJ Glau Tavares (Batekoo, Isoporzinho das Sapatão), referência em sonoridades diaspóricas. No dia seguinte, o segundo da maratona carnavalesca, eu lá estava novamente, visualizando aquele mesmo cenário, a mesma rua abarrotada, mas o som já não era mais o mesmo. Dessa vez, a trilha sonora era um hard techno comandado por outra importante figura, uma peça-chave da música eletrônica carioca, a DJ Ananda (KODE e Macro Hits). A festa continuou até a quarta-feira de cinzas, e foi o início perfeito para um estabelecimento que ambicionava se tornar um espaço cultural de relevância.

Logo nos primeiros meses de atividade, o Desvio se estabeleceu como um espaço de fortalecimento da cena musical do Rio de Janeiro. A ideia de um espaço como o barzinho veio de pessoas que transitavam ativamente na cena local de música eletrônica, que se expandiu consideravelmente em 2019 através de festas como Kode, Dissölve, Festa Até as 4 e 0001110011, entre outras. Ficou certo, então, que a “pré” oficial de todas essas festas seria sempre realizada no Desvio. E a veia democrática e a orientação inclusiva desses eventos, replicadas no Desvio, resultou instantaneamente na chegada expressiva de frequentadores interessantes e interessados em fazer daquele lugar um espaço que permitisse a plena liberdade de expressão e celebração indiscriminada.

O barzinho recebia diariamente todos os tipos de público, e a diversidade de nomes, coletivos e sonoridades seriam o principal legado deste espaço que atraiu artistas reconhecidos nacionalmente, que se apresentavam sem cobrar ingresso do público. Artistas dos mais diversos segmentos e com diferentes alcances se apresentaram no Desvio sob as mesmas condições - não existia separação entre artistas e entusiastas, e era essa configuração intimista que atraía esses grandes nomes que tocavam pelo puro prazer de saber que, naquele lugar, era certo que suas músicas ecoariam para

todos os lados, alcançando de fãs a transeuntes que talvez nunca tivessem ouvido falar em seu nome.

É importante frisar sempre a localização do bar, pois isso ajuda a entender como ideias e projetos tão potentes se coagularam de uma maneira sólida o suficiente a ponto de criar uma agenda cultural tão rica em um curto espaço de tempo, justamente em um momento tão necessário. O Desvio era situado em um ponto central e de grande importância pra história do Rio de Janeiro, de frente para a Escola de Música Villa-Lobos, o que, direta ou indiretamente - e não existem coincidências - colocou o barzinho sob a influência de mais de cinquenta anos de história musical.

Em pouco tempo o barzinho se tornaria também uma escola à sua maneira. Na programação recorrente da casa, o coletivo preto, periférico e visionário Escola de Mistérios abria espaço para ensinar qualquer um que estivesse disposto a se aventurar na discotecagem, atraindo pessoas que não tinham a oportunidade de praticar e melhorar suas habilidades em outros contextos para tocarem diante de um público consciente e aberto a ouvir qualquer tipo de expressão sonora. Ali não importava a técnica, mas a verdade na qual a música se sustentava. Eram DJs iniciantes ou apenas entusiastas que ali se encontravam para, em um só espaço, treinar, tocar e trocar conhecimento. Isso no mesmo equipamento em que tocavam figuras conhecidas da cena nacional, como Valesuchi, Akin, Valentina Luz, Guerrinha, ANTCONSTANTINO, Saskia, Evehive e Cainã Bomilcar, entre outros. Iniciativas como essa fizeram com que cada vez mais pessoas fossem impactadas pela existência do Desvio, o que deu ao bar o status de um grande laboratório de experimentações sem censura. Um lugar onde todo fazer artístico e sonoro, principalmente, seria bem-vindo.

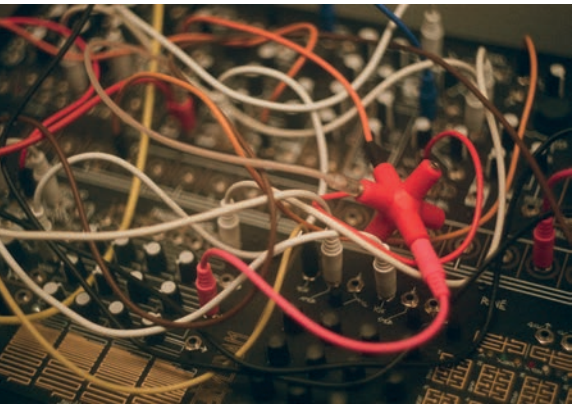
No final de 2019, o impacto do Desvio era sentido em outros estados. Coletivos como ZonaEXP (RS), MASTERPLANO (MG), Domina (RJ/SP) e Caldo (SP) passaram por lá e confirmaram a missão de um espaço que nasceu como um bar, se tornou uma escola, e agora, merecidamente, acrescentava ao seu currículo o encargo de ser um ponto de intercâmbio cultural da cena eletrônica e experimental contemporânea brasileira, o que significava uma extensa e variada lista de gêneros musicais que foram brilhantemente apresentados e executados em noites memoráveis: os experimentos de noise da MONO, os bailes de funk e trap da Lâmina, além das noites de jazz instrumental, grime, dubstep ou house. Isso sem falar na Rádio Desvio, um programa online com curadoria e apresentação do produtor e pesquisador DJ Jabour, que buscava apresentar nomes novos da cena eletrônica de vários cantos do país. Um projeto guiado pela essência da música, e sem o qual o barzinho não estaria completo. Naquele momento, o Desvio funcionava como uma incubadora de iminentes talentos que se preparavam para reinventar a cena musical carioca em 2020, um ano que jamais começou.

Com a chegada da pandemia, fomos todos inesperadamente surpreendidos por fatores que nos fizeram relembrar do quanto o ser humano, apesar da sua grandiosidade e genialidade, é pequeno diante das forças que desconhece. A necessidade de distanciamento social minou aquela que seria a mais importante missão do barzinho: a de ser um uma encruzilhada, um ponto de encontro entre energias das mais diversas procedências, todas conectadas pela magia da música.

Sem vida, não há presença. Sem presença, não existe música.

A todos que celebraram o Desvio, em seus momentos mais repletos de vida e arte, nós tivemos sorte de fazer parte dessa história. O Desvio era sobre levar e ser levado para outro caminho, um caminho alternativo, diferente, novo. E foi nesse novo caminho que várias pessoas puderam se encontrar e criar algo tão grandioso que contaremos, com muito orgulho, para as próximas gerações.

Quartas-feiras (Rádio Desvio)
Por Guilherme Guedes



Assim como o próprio Desvio, que desafiava uma classificação precisa flutuando entre os conceitos de bar, café, casa de shows e inominável ímã de surpresas boêmias, a Rádio Desvio era um conceito híbrido que, entre as mudanças impostas pela pandemia, existiu tanto no universo tátil quanto no digital.

Fundado por Henrique Rondinelli, o DJ Jabour, em parceria com a equipe do Desvio, o projeto nasceu como um despretensioso evento semanal em que ele recebia, toda quarta-feira, um DJ ou produtor convidado para um set ao vivo no barzinho. “O conceito da Rádio surgiu logo antes da ideia do Desvio amadurecer, quando eu ainda era DJ residente da Dissölve”, lembra Rondinelli. "[Os sócios] me convidaram para ajudar a pensar na programação semanal, e logo surgiu a necessidade de um dia fixo, um dia em que a gente não dependesse de outras pessoas pra fechar a agenda”. A escolha pela quarta-feira não foi trivial. “A verdade é que ninguém quer fazer evento na quarta, né? Quarta-feira é um dia meio maldito pra evento, porque pra maioria das pessoas é um dia mais cheio de trabalho, os lugares não enchem. As pessoas preferem sair no começo da semana, segunda e terça, do que na quarta. E sexta-feira é sempre bombado demais. Então a gente decidiu fazer o nosso evento na quarta, porque dava para fazer algo despretensioso, mais livre”.

O diferencial da Rádio Desvio, como sugere o nome, era sua versão online: um podcast apresentado por Rondinelli e com participação do convidado da semana - uma extensão que se revelaria crucial no impacto e no alcance da Rádio Desvio. Até março de 2020, a receita era sempre a mesma, dividida em duas etapas. Na quarta à tarde, Rondinelli recebia DJs e produtores na cabine da rádio online Lapa 55, no lobby de um albergue próximo às fronteiras da Lapa com a Glória, para a gravação de uma entrevista e um pequeno set que posteriormente eram publicados no perfil do Desvio no Mixcloud. “Eu tinha vontade de fazer um programa de rádio que não fosse só de música rolando, em que a pessoa convidada tivesse liberdade de falar do que quisesse”, explica o DJ, que também é professor, pesquisador e produtor, e que pela primeira vez se arriscou também como entrevistador. "É mais difícil do que parece, porque eu falo rápido e tinha que cuidar de toda a parte técnica, também. No começo foi foda, os primeiros episódios são bem amadores, mas depois foi ficando bom”, avalia. A inexperiência de Rondinelli como apresentador, nesse caso, contribuiu positivamente para a fluidez das conversas, que soavam como um bate-papo informal, leve, conduzido por perguntas feitas por quem de fato quer ouvir o que o outro tem a dizer.

A segunda parte da Rádio Desvio rolava à noite, e em outro cenário: o canto direito do Desvio, diante da CDJ e de um público diverso, que variava a cada edição. Por algumas horas, às vezes invadindo o início da madrugada, Rondinelli e a atração da semana se alternavam em um set inegavelmente inspirado pela conversa da tarde, livres da obrigação de manter a pista cheia como nos eventos de fim de semana. O clima era tão tranquilo que era comum ver outros DJs contribuindo com a seleção musical ao longo da noite. Assim, mesmo com a predominância da música eletrônica, as quartas do Desvio tinham como trilha sonora gêneros, eras e contextos musicais variados.

Glau Tavares (Isoporzinho das Sapatão, Batekoo, Velcro), convidada da edição #19 da Rádio Desvio, destaca a importância do projeto como registro histórico de uma parte importante da noite carioca. “A Rádio Desvio contava as histórias de quem fazia a noite do Rio de Janeiro acontecer, as histórias dos DJs que eu admirava mas não conhecia pessoalmente, ou não tinha intimidade. Pra mim, foi super especial participar”, declara a produtora musical e DJ carioca, que tinha acabado de voltar de uma turnê na Europa, uma experiência que considerou transformadora. "Eu estava passando por um momento de transição muito forte, e ali eu pude contar um pouco de quem eu sou, da minha história, do que eu vivi

e do que aprendi nesses anos todos", conta. Para Glau, a Rádio Desvio ajudou a estreitar os elos entre os artistas e o público, além de firmar o Desvio como um dos pólos da cena cultural carioca. "Em vários momentos da minha vida eu tava lavando louça, pegando trânsito, sei lá, e eu botava um episódio só pra ouvir uma história legal e uma música boa. E ainda tinha o afterzinho que rolava no bar, que era super gostoso".

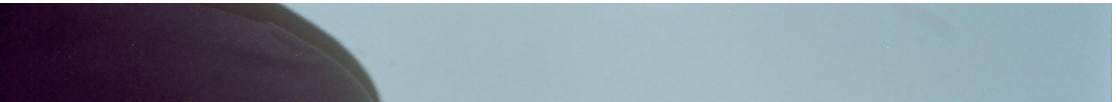
Depois da COVID-19 e a suspensão dos eventos presenciais, a Rádio Desvio migrou totalmente para o campo virtual. As entrevistas passaram a ocorrer por WhatsApp, e em um novo formato: em vez do diálogo corrido, permeado por vários tópicos, Rondinelli passou a pedir que os convidados escolhessem ou comentassem músicas de acordo com situações propostas por ele."A inspiração foi um quadro do [jornal inglês] The Guardian, o Harangue the DJ, em que os DJs respondiam a perguntas tipo 'que música tocaria no casamento da sua tia?', ou 'que música tocaria no seu enterro?'. Eu comecei a achar que dava pra fazer algo parecido, mas com perguntas que as pessoas realmente quisessem responder", argumenta. "Isso deu voz própria ao programa, mesmo que ele fosse baseado em outras coisas que eu achava interessantes, editorialmente".

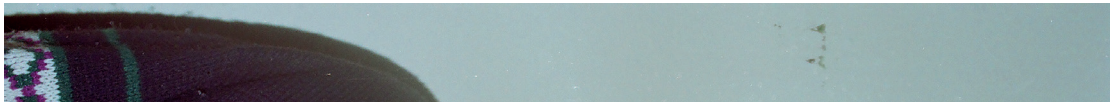
A mudança deu um novo fôlego à Rádio Desvio, que deixou de existir como evento, mas ganhou força enquanto programa online. Sem a necessidade de parear as entrevistas com as noites do Desvio, Rondinelli passou a ter mais liberdade para escolher os convidados. "Antes da pandemia eu não podia só seguir meu instinto, porque tinha que ser uma pessoa que estaria no Rio naquela data, numa quarta-feira, e às vezes eu ficava preso nessas questões práticas. Depois, quando eu passei a fazer tudo pela internet, foi que eu percebi que eu tinha que ter um olhar mais aguçado, que eu tinha que ser mais curador e menos produtor", analisa. A abundância de lançamentos nos primeiros meses de pandemia, segundo ele, ajudou a dar força ao programa. "Coincidiu que no começo da pandemia teve muita gente lançando música boa, várias coletâneas saindo, muita coisa legal saindo por vários coletivos de todo o Brasil", afirma. "Antes das entrevistas eu tocava três lançamentos de outros artistas, então no fim das contas eu juntava pelo menos quatro novidades por programa, sempre com muita variedade de sons".

A nova dinâmica, além de destacar a riqueza da atual safra da produção independente nacional, deu ainda mais destaque aos interesses dos convidados e à extensão da pesquisa musical de cada um. Na edição #33, de junho de 2020, Rondinelli pediu à DJ, produtora musical e designer Kakubo (Mamba Negra) uma música que ela gostasse muito mas não tivesse ideia de como foi produzida. A faixa escolhida foi "Hack Dance", do produtor britânico Ossia, descrita por Kakubo como "uma narrativa cênica" composta por "texturas metálicas nas percussões e trombetas distorcidonas". Coincidentemente ou não, alguns dos adjetivos usados por Kakubo para descrever "Hack Dance" poderiam facilmente ser utilizados para legendar a sonoridade de Andaluz, álbum que ela lançaria dali a três meses pelo selo Gowpe, ou alguns de seus impactantes lives, sempre marcados por um clima distópico e futurista.

No divertido episódio #41, em julho de 2020, o produtor carioca Zé Felipe comentou o ambicioso Análise Eletrônica da Música Mundial, álbum independente lançado em 2020, e dividido em três partes. Sob o pseudônimo DJ Doidera, o produtor reúne 1004 (!) instigantes produções próprias que desafiam qualquer tentativa de rotulação. À Rádio Desvio, Doidera reafirmou a proposta livre do projeto ao citar referências como Astor Piazzolla, ícone do tango argentino; o maestro alemão Bert Kaempfert, condutor de orquestras de easy listening em meados do século XX; e Moondog, multi-instrumentista norte-americano e um dos mestres da música experimental. Por fim, ainda cita The Beatles e Vanessa da Mata ao descrever a sonoridade da faixa "Agora o Negócio Ficou Interessante", que rotula como um "clichê-rock". Uma salada curiosa de referências que tem tudo a ver com a sonoridade proposta por Doidera.

O SOM





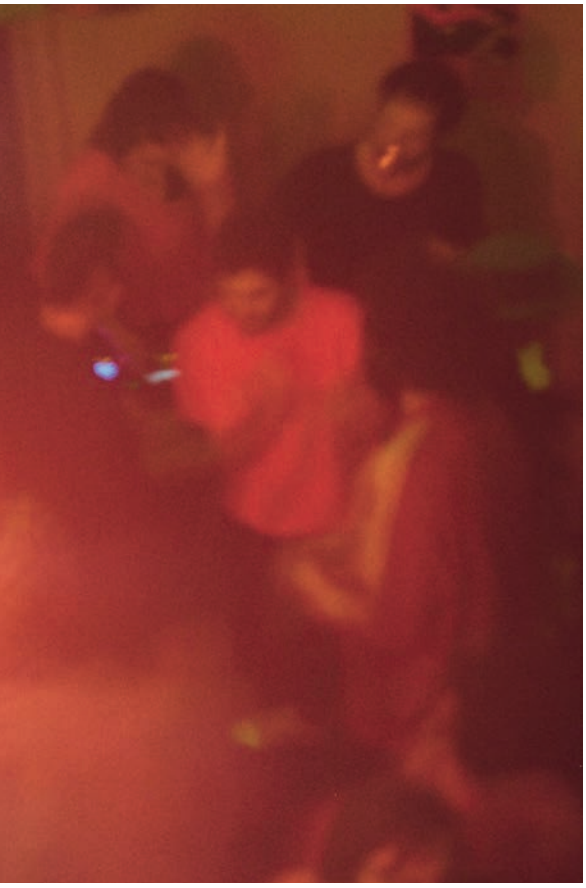
OSOM

00

A última edição da Rádio Desvio, a de #46, foi publicada em setembro de 2020. Depois dele, o projeto foi suspenso para que Rondinelli pudesse se concentrar em seu projeto de doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo, os sócios do Desvio buscavam maneiras de fazer o bar sobreviver aos reflexos da pandemia, cujo fim ainda parecia distante. Quando Rondinelli finalmente se viu pronto para retomar a programação da Rádio, era tarde demais. Depois de um longo e cansativo processo, os sócios do Desvio anunciaram o fechamento definitivo das portas - o que, àquela altura, não poderia nem ser considerado uma surpresa.

O fim do bar e a interrupção brusca da Rádio Desvio, no entanto, não significa que não veremos o renascimento do programa no futuro, ainda que totalmente reinventado. “Eu estou super aberto a trabalhar nisso de novo. Com qualquer coisa que envolva entrevista, na verdade. Eu adoro entrevistar pessoas. Entender o processo das pessoas que você admira pode ser inspirador. Se [um artista] mostra para as pessoas que seu processo também tem falhas, que esse processo também é doloroso, isso torna a arte mais convidativa”, finaliza.

Para celebrar a história da Rádio Desvio, espalhamos ao longo de A Última Dança cinco entrevistas inéditas nos moldes da versão online do programa. Uma delas, a que você vê nas próximas páginas, é com o próprio Rondinelli, que pela primeira vez responde aos questionamentos que, ao longo de um ano e dois meses, apresentou a quase cinquenta artistas. Vida longa à Rádio Desvio.



DJ JABOUR

03

RÁDIO DESVIO

DJ Jabour é o nome artístico de Henrique Rondinelli, fundador da Rádio Desvio e grande agitador da cena eletrônica carioca. No controle da CDJ, o DJ Jabour constrói sets ecléticos que se ajustam a todo tipo de clima ou contexto, sempre com muita atenção aos detalhes. Pela primeira e (provavelmente) última vez, ele responde a cinco perguntas como as que fazia aos convidados da Rádio Desvio.

DJ JABOUR

03

RÁDIO DESVIO

Que música você tocaria em seguida a "Faça Uma Limonada", faixa de sua autoria que integra a coletânea RAVE RJ SUPORTE?

"High Hill", do DISKOP. Sou um completo amador em produção, mas às vezes chego em resultados que geram um headspace para o ouvinte. Então eu emendaria com essa porque é uma música que define bem essa noção de espaço entre elementos e repetições, mas com bastante traquejo. Tem alma, bom humor e safadeza, coisas que quero colocar em alguma música um dia.

Que música seria a trilha sonora da sua adolescência?

Fechei os olhos e tentei lembrar de tudo que minha vinha à cabeça sem nenhuma cola em mãos. Acho que essa pergunta tem que ser respondida com a força da memória. Pensei em "It 's Alright Ma (I'm Only Bleeding)", do Bob Dylan, mas na versão do Caetano Veloso. Eu não só escutava muito essa música como ela fazia a original parecer uma modinha indie. Mas, na verdade, era apenas eu mesmo trocando uma modinha pela outra. E o que é a adolescência se não uma sucessão de fases?

Dentre os trabalhos dos artistas que você entrevistou na Rádio Desvio, qual música ou álbum você gostaria de ter produzido?

O JLZ quebrou tudo com "Poki Poki". Essa música é insana. Mistura as melhores referências do funk de Brasília e BH com o melhor que você pode esperar de uma jornada de breaks. A harmonia entre os elementos, o aspecto etéreo, o vocal te conclamando e o batidão comendo solto. Não dá para ficar melhor.

Aquela música perfeita para resgatar uma pista que está morrendo?

Eu acredito fortemente que quando a pista tá morrendo, o povo tá meio cansado já, um disco pra dançar arrochadinho e dar uma respirada salva tudo! Uma dessas que eu amo é "The Spirit's In It", da Patti LaBelle! Já revivi uma pista com essa aí e deu certo, rs. Começa só com um vocalzão, daí a música entra maravilhosamente e nossa, tudo nessa música pra mim é perfeito e maravilhoso! A voz da Patti é surreal! Aquelas músicas que te fazem feliz instantaneamente, sabe? Ai que saudade de uma pistaaaaa!

Se o Desvio abrisse por uma noite e você fosse o DJ do evento, com que música você abriria seu set?

Eu gostaria de experimentar coisas diferentes e tocar músicas que não tive oportunidade de tocar. Ando preparando uma lista mental de músicas brasileiras de disco e penso que "Aconteceu Você", da Fafá de Belém, seria um ótimo começo. É de um álbum que só tem musicão. Essa, em particular, começa bem devagarzinho,

Quintas, sextas e sábados
Por Guilherme Guedes

"Eu sempre digo que naquele dia Jesus estava sentado ali na calçada curtindo e por isso não deu merda. Pela experiência que eu tenho com evento, produzindo ou frequentando, eu sabia que se desse um começo de briga ia desandar tudo, ia virar um inferno. Mas Jesus tava ali curtindo e se pá o Diabo também, daí foi tudo suave: um monte de gente junta no meio do caos, e mesmo assim na maior paz".

O relato é do DJ e produtor musical ANTCONSTANTINO, fundador do selo Leigo Records, quando perguntado sobre o Grime Execution, evento que ele realizou para comemorar o próprio aniversário no Desvio em um sábado de verão em janeiro de 2020. A fala do DJ poderia descrever muitos outros eventos realizados no Desvio nas quintas, sextas-feiras ou sábados. Se nos dias anteriores a programação musical acenava às muitas frentes da prolífica cena independente, os últimos três dias da semana eram reservados para festas e os bailes dos mais diversos, cada um usando o espaço para um propósito - fosse o uso da pista como praça de inclusão e manifestação, fosse mera diversão, um escape de stress e ansiedade através da euforia. Ao longo dos doze meses entre a abertura informal e o fim dos eventos presenciais com o desembarque do coronavírus, foram dezenas de sets, lives, bailes, batalhas de voguing, duelos de MCs, shows e b2b's em fervos mil embalados por ritmos que iam do techno ao forró, do house ao baile funk, do charme ao pop eletrônico de rádio, frequentemente com a rua completamente tomada de gente.

A primeira vez que o Desvio abriu as portas para o público foi numa sexta-feira, e não numa sexta qualquer: foi numa sexta de carnaval, em março de 2019. O bar não tinha estrutura, os sócios e funcionários não tinham experiência, e muitas burocracias legais ainda estavam pendentes. Mesmo assim, de sexta a terça, o bar recebeu pelo menos duas dezenas de DJs para o Carnaval Na Obra, que sonorizou o cortejo de milhares de foliões que passaram pelo centro ao longo dos dias. De acordo com as probabilidades de uma situação assim, deu tudo errado. Mas a experiência seria definitiva para moldar a identidade do Desvio.

"Deram um tiro de estopim na esquina, e nisso absolutamente toda a população que estava na [rua] Sete de Setembro veio correndo na direção do Desvio (risos)", diverte-se Anna Pitthan, uma das sócias do bar, ao lembrar da segunda das cinco noites de eventos inaugurais. "A gente foi fechar a porta e [fazendo movimento de puxar para baixo] quebrou! A porta não fechava", conta, ao preparar a cena para um desfecho improvável. "Do nada chegou um ambulante, tirou o cadarço dele do tênis, amarrou e falou assim: 'o importante é parecer que tá fechado', e foi embora. No ano seguinte, também no carnaval, eu fui brigar com um cara que estava vendendo churrasquinho na frente do Desvio, e quando vi, era ele. 'Tu vai brigar comigo? Esqueceu que eu fechei a porta aqui pra vocês há um ano atrás?'", imita. "Eu olhei pra ele e: 'Quer vender lá dentro?' (risos)". Pouco antes disso, Anna e outros DJs do coletivo Querida Intriga usaram um saco de 5kg de arroz para tentar salvar a CDJ, afogada nos instantes finais do último set por uma cerveja derramada. "Ela fez um barulho que eu só posso descrever como uma mistura de um pombo chorando com uma rabeca desafinada", brinca DJ Guerrinha, uma das atrações daquela noite. "Foi legal não só pela diversão, mas pelo sentimento de satisfação, do fazer acontecer. Tinha muita gente, o som estava tão distorcido que parecia um saco de papel amassado... Sempre um bom sinal".

Essa maneira de estar sempre aberto a lidar com o inesperado, mesmo com os possíveis acidentes de percurso, se refletia diretamente na programação do Desvio. Feito também por iniciantes, o bar tinha como uma de suas prioridades servir de plataforma para artistas e criadores, mesmo aqueles com pouca ou nenhuma experiência. Nem todo evento deu certo, é claro, e ao escolher esse caminho os sócios talvez tenham aberto mão da viabilização do Desvio enquanto negócio. O

lado bom é que a iniciativa certamente rendeu bons frutos para a noite carioca.

Uma aliança notória do bar foi com o Escola de Mistérios, projeto fundado pelos DJs e pesquisadores Quimera e Miguel Arcanjo em 2019. Responsável por sets que exploram diferentes contextos da música eletrônica negra, a dupla promovia aulas abertas de discotecagem e a estreia ao vivo de muitos DJs iniciantes, sempre com a intenção de ampliar a diversidade não somente nas pistas, mas também nas cabines da cena alternativa. No Desvio, a primeira edição da Escola ocorreu numa segunda-feira de inverno, em julho de 2019. Com o desenrolar dos meses, à medida em que o projeto ganhou corpo e notoriedade, a Escola de Mistérios passou a promover eventos de fim de semana, com mais espectadores.

Quimera revela que conheceu o Desvio por convite de Clarissa Ribeiro, integrante do coletivo Isoporzinho das Sapatão, e logo percebeu o potencial que o lugar tinha. "Quando a gente chegou lá, sentimos que era um espaço que te dava intimidade, sabe? Que deixava você à vontade para aprender fazendo", declara. Ela e Arcanjo concordam quanto à sensação de inadequação que ambos tinham ao frequentar os espaços tradicionais da cena eletrônica carioca. "Nós dois sentíamos um certo incômodo de estar nesses espaços. A gente não se via representado e percebia várias incoerências", diz a produtora. Arcanjo conclui: "A nossa fagulha foi a vontade de aprender, foi reconhecer no outro uma vontade de querer fazer sem saber fazer. Quando eu e Quimera tivemos a oportunidade de tocar em uma controladora pela primeira vez, ficamos ali decifrando aquela nave alienígena até que rolou a ideia de levar aquilo pra frente. A Escola de Mistérios é uma tentativa de tentar potencializar a cena, abrir espaço para que outras pessoas tenham a oportunidade de descobrir, estudar, conhecer e se profissionalizar na mixagem".

Outro projeto marcante do período em que o Desvio esteve em atividade foi a Lâmina, festa itinerante gestada e parida no barzinho. "Foi numa sexta-feira, dia 02 de agosto de 2019", conta a produtora cultural Tetafunk, ao lembrar da primeira edição da festa. "Eu montei uma equipe com alguns amigos meus, sem pretensão nenhuma, e a gente conseguiu lotar a Ramalho Ortigão. Naquela noite eu entendi que eu poderia levar a Zona Sul e a periferia para curtir o mesmo espaço". Além de fundir galáxias musicais e sociais aparentemente distantes, a Lâmina nasceu com a proposta de proporcionar uma noite segura de lazer para pessoas marginalizadas. "A ideia era fortalecer o corpo da bicha periférica, do viado afeminado, das travestis e transsexuais que não tinham um espaço na frente da caixa de som", explica Tetafunk. "Foi daí que veio o nome, né? A lâmina é um artefato utilizado por todas essas pessoas para se defender nas ruas e nos ambientes em que elas estejam vulneráveis". Depois de "passear" por outros espaços, a Lâmina aconteceu no Desvio apenas mais uma vez, em janeiro de 2020.

O baile funk caraterístico do som da Lâmina também é um dos ingredientes do supracitado Isoporzinho das Sapatão, coletivo formado por quatro artistas, DJs e produtoras e que promoveu algumas das noites mais extasiantes do Desvio. Desde 2015, o Isoporzinho realiza eventos voltados para mulheres lésbicas, mas receptivos a integrantes de todo o espectro LGBTQIA+. Em sua primeira edição, era pouco mais que um encontro semi-improvisado com caixinhas de som portáteis e pequenos isopores de bebida; desde então, virou um evento de grande alcance, com edições realizadas em várias cidades do Rio de Janeiro, e até além.

"Os nossos eventos no Desvio sempre atraíam tanto as pessoas que já conheciam a festa de antes como uma galera nova, diferente", conta a DJ Glau Tavares, uma das cabeças do Isoporzinho. "A gente ainda fazia rodas de conversa, exibição de filme, atividades além da festa que nos ajudaram a crescer muito". No Desvio, o coletivo desembarcou em junho de 2019 para o primeiro de quatro eventos, sempre impactantes para as criadoras e as frequentadoras. "O Desvio me expandiu musicalmente, eu cresci muito como DJ", elogia Glau. "Ao mesmo tempo em que a cena do Rio é diversa, ela também é muito fechada, mas o Desvio trouxe uma pluralidade, abriu as possibilidades para todo mundo".

ALFA
13

Domingo, dia de descanso
Por Guilherme Guedes

Na agenda do Desvio, quase todo domingo era "dia de descanso". Na maioria das vezes, domingo era dia de portas fechadas e uma esquisita tranquilidade na Ramalho Ortigão, mas havia domingos em que o bar abria mais discretamente, com um som mais suave, em volume baixo, e nessas ocasiões o Desvio virava o ambiente ideal para que os frequentadores e funcionários despressurizassem a ressaca das noites anteriores e recalibrassem as energias para a semana seguinte.

Mas também havia semanas em que o descanso era adiado, antecipado ou simplesmente ignorado, especialmente quando os domingos no Desvio eram invadidos por coletivos e festas como Wobble, KODE, -coro fundo- ou 001 (que, em outubro de 2019, realizou o apropriadamente batizado DOMINTECHNO). O verão de 2020, o derradeiro antes da pandemia e único em que o Desvio funcionou em sua totalidade, foi quase todo animado demais para chamar qualquer dia de “dia de descanso".

Para encerrar o capítulo de A Última Dança que trata justamente da cena musical que atravessou o Desvio, convidamos o DJ e produtor Gabriel Schettini (Dissölve, Festa Até as 4) para criar um set especial e exclusivo para esta publicação, pensado justamente como se fosse para embalar um domingo light no bar. Para ouvir a seleção de Schettini - responsável por muitas das playlists que rolavam no som ambiente do Desvio - basta apontar a câmera de um smartphone para o QR Code abaixo ou acessar o link xxxxxxxxx.

NOME DO CAPÍTULO

00

CORPO

O Desvio enquanto um pólo de manifestações culturais e os desdobramentos políticos e afetivos disso.

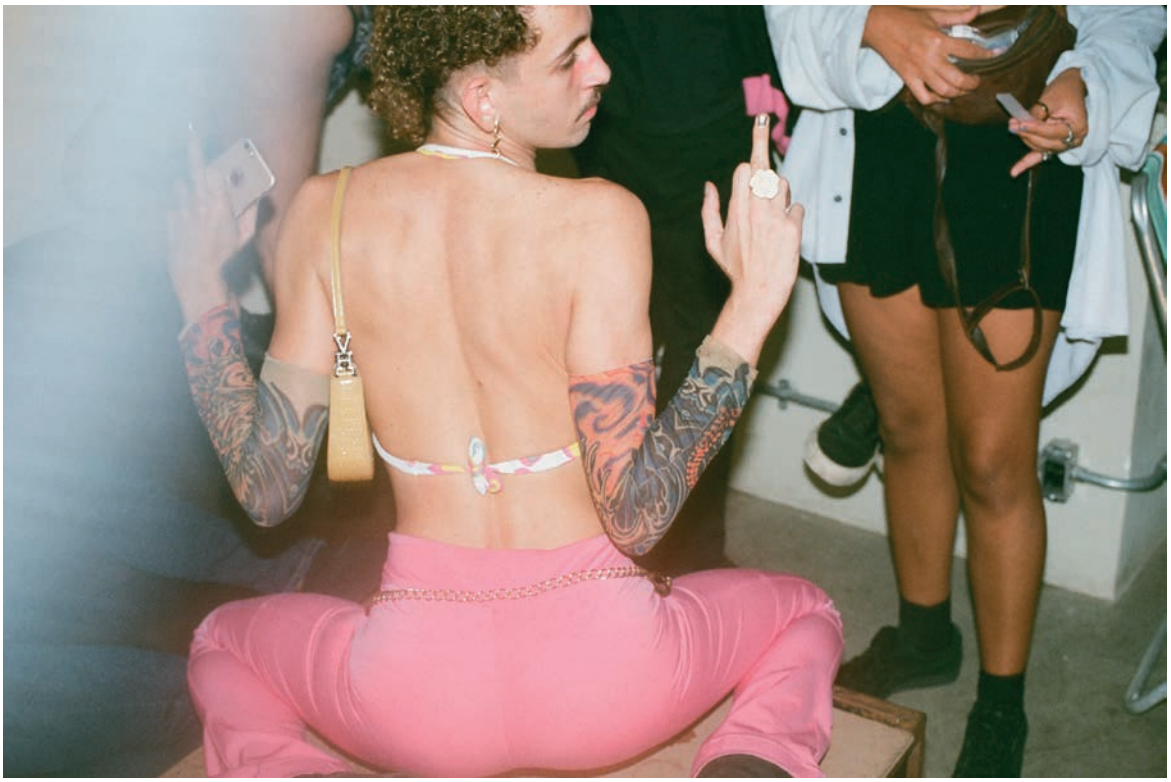
CORPUA
Por Sabine Passareli Simões

Quando a rua e o corpo se encontram, desde os paralelepípedos que sustentam os movimentos vividos e cheios de tesão e cor. Os astros conspiram para que a ousadia seja referenciada com glamour e precariedade. Gestos autênticos florescem sobre a madrugada ardente, suada e repleta de encontros e desencontros acidentais. As peles incorporam vivências cheias de ternura por outras corpas que compartilham também as minúcias subversivas do dia-a-dia, com horror e amor as noites se descobrem manhãs. Não há quem não se sinta convocada a se jogar na Exuberância das esquinas, encruzilhadas e vielas. Nos inspiram a expor nossas subjetividades desviantes, espiritualidade, lazer e alegria para todas. Nunca haverá de faltar tempo para se deixar levar por ritmos e danças cuidadosamente ressoadas para que haja constância. Qualquer pessoa pode e deve se fazer presente nas manifestações de calor e tremor que as linhas vivas das ruas nos proporcionam. Todas as coisas com que nos deparamos pelas calçadas da vida possuem seus significados próprios. No entanto, precisamos nos permitir a compreender por nós mesmas esses encontros. Com a capacidade de solucionar através de boas estratégias de resistência, festas públicas podem ser espaços informais de cuidado. É necessário que os espaços dentro dos territórios se organizem para que o cuidar nesse sentido seja efetuado. As diferenças, por exemplo, são parâmetros de percepção sobre como construir essas possibilidades. Porque ao nos colocar à disposição do encontro sem o julgamento prévio: conseguimos nos vincular com as outras pessoas sem que o preconceito e a violência sejam a porta de entrada nas relações. Para se relacionar com o mundo precisamos nos desenvolver através das experiências que nos passam, para quem vive, já viveu ou já passou pelo Rio de Janeiro, sabe que a diversão é atravessada por maravilhosidades e vulnerabilidades. Com o passar dos anos, desde que cheguei aqui, vivenciei momentos gloriosos de prazer e dor. Através do tempo, percebo que amadureci porque vivi percalços durante as caminhadas e danças pelos mais diversos lugares que essa cidade pode oferecer. Como o clichê: do lixo ao luxo. Somos acionadas a nos conectar, pois é inevitável que a gente não se conecte. Corpos em contato energeticamente geram catarses que a cidade pode acolher desde que haja segurança. Pensar e estruturar políticas públicas sobre o nosso direito de lazer urbano é necessário quando ainda não há essa garantia. Qualquer evento que tenha como objetivo receber abertamente pessoas diferentes entre si, com interseccionalidades como raça, gênero, deficiências, idade, entre outros elementos, precisam se dispor a fazer acessibilidade. Não que um espaço possa ser cem por cento acessível com tamanho o espectro de possibilidades de como ser diferente. Acessibilidade física como rampas para pessoas com dificuldade de movimento e defender a segurança de pessoas trans como acessibilidade subjetiva. Transformar as dificuldades materiais e existenciais em soluções empíricas baseadas no respeito à individualidade e a coletivização dos espaços. Empatia canalizada em ações mobilizadoras de mudanças capazes de fortalecer a relação das pessoas com a rua. Corpo e rua coexistem desde que a cidade foi estabelecida como estrutura social. O convívio urbano é bruto nas suas violências e leve como uma pluma de pavão que encanta a noite de quem se permite ser tomada pela escuridão. O brilho que cega os olhos de quem apenas vê maldição, advém do olhar das mais radicais faces da desconstrução de normatividades coloniais, patriarcais e heteronormativas. Qualquer que seja o padrão, poderá ser moldado para que possamos mostrar ramificações mais criativas e autênticas do processo de fazer a si. Elementos corporais em confronto com dispositivos de normatização da realidade. Na efemeridade somática de que se faz nossos organismos, podemos aproveitar para propor caminhos de gozo e atualização esquemática das presenças possíveis de serem compartilhadas sem medo. Combinados que assegurem a transição entre territórios-existências, geográficos e usados, sendo assim constituída a necessidade de satisfazer a mobilidade urbana segura,

acessível e organizada. Na realidade, sensorialmente demandamos a construção de atos legitimadores dos mais diversos modos de existir. Tornando possível a transposição do limite em potência. Através das diferenças e contradições nos constituímos como seres múltiplos e com isso, não apenas a circulação pela cidade precisa ser garantida, demandamos a construção de políticas de segurança pública que protejam todas as pessoas. O fogo queima sobre as calçadas, brilhantes também são os passos de quem se deixa levar pela imaginação. O suor escorre frio sobre as corpas sensíveis ao contato com o incognoscível. Aquilo que não há explicação, não é passível de compreensão. A rua é apenas sentimento. Sentidos transbordantes no encontro entre as corpas, a mente da criança que brinca sem medo. Nós também precisamos encontrar algo que nos faça transcender o concreto. Ludicidade necessária para que haja abertura de possibilidades além do já conhecido. Permitir que sensorialmente a gente se perceba integrante e agente dos mundos possíveis a cada uma. Não há apenas um mundo. Existem mundos. Dentro deles existem pessoas que os constroem e para que isso aconteça, precisamos elaborar estratégias de liberdade porque a construção é contínua. Nos deparamos com os resquícios de outros contextos temporais, com os rastros de ações que nos aprisionam ou nos libertam. Até hoje. Coletivamente podemos usufruir do convívio como ato de nos fazermos livres. Do mar de portas fechadas à encruzilhada de três pontas, o centro precisa ser descentralizado. Nós atualizamos nossos contextos quando nos permitimos circular por lugares mais diversos, comunitários, abertos e dispostos a interagir com as demandas espontâneas que a rua traz. Chegando a um espaço ou mediando a chegada de outras pessoas, podemos descobrir o quanto a presença informal e curiosa pode ser transformadora. Não precisamos ter respostas para todas as questões que a rua nos traz. Nossos organismos são capazes de nos adaptar às mais diferentes condições, desde que haja socializações que garantam a nossa autonomia. Sempre que um corpo cai, precisamos que haja um outro ao lado para segurá-lo. Não é possível que a gente continue sem nos sentirmos seguras, para isso a construção de diversas redes de suporte se faz mais do que necessário é urgente. Não podemos ficar só. A confiança para seguir advém do estado de tranquilidade que emana da presença compartilhada. Nossas corpas funcionam como receptores de energias, reagimos aos estímulos sensoriais à nossa disposição, podemos entrar em estados de fluidez e transcendência. Fazer com que aconteçam experiências gloriosas na simplicidade da vida cotidiana, na solitude e na convivência. Existências capazes de subverter as normas violentas da sociedade patriarcal heteronormativa capitalista que vivemos. Com passos largos e seguros, transformar as leis de controle em obsoletas tentativas de nos aprisionar. É preciso que aconteçam processos de trabalho nesse sentido em diferentes setores da sociedade: educação, lazer, saúde, assistência social, cultura são exemplos de campos possíveis de serem trabalhados intersetorialmente para que a gente garanta nossa liberdade e autonomia. Essa garantia não vem do nada, ela é desenvolvida, mas para que isso aconteça é necessária a emancipação dos corpos, mentes, espíritos, territórios e percepções de mundos. Precisamos estar conscientes do que nos acontece para que a gente crie maneiras de suportar e agir sobre o que nos atravessa. Em companhia isso é muito mais fácil. Afetivamente criamos laços sociais que nos vinculam à realidade como suportes, com isso nos tornamos menos vulneráveis e consequentemente temos mais chances de resistir às adversidades.

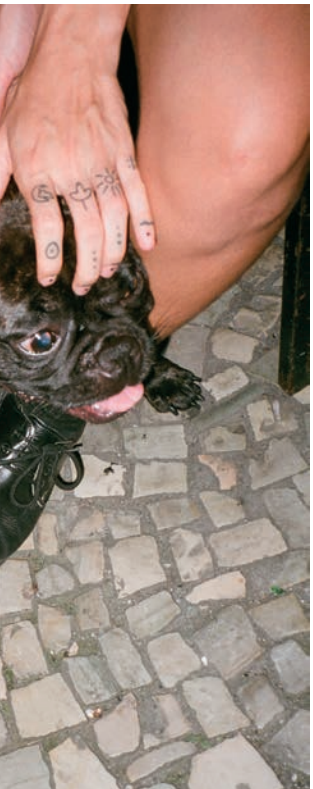
Sabine Passareli Simões, terapeuta ocupacional, residente multiprofissional em saúde mental no Instituto de Psiquiatria da UFRJ. Artista independente.

Julho, 2021



INDEX

INDEX



A música era a manifestação cultural mais presente no Desvio, mas ao longo de sua breve existência, o barzinho recebeu ou promoveu eventos de outros campos da produção artística - multidisciplinares, em alguns casos. Um deles é a Piloto, projeto híbrido que visa tirar as exposições de arte dos espaços elitistas das galerias tradicionais, incorporando arte visual e sonora. Dois dos nomes por trás do projeto - o artista visual Miguel Reis e a multiartista, produtora e historiadora da arte Alucas - falaram ao COFRE DESVIO sobre a relação da Piloto com o bar:

A PILOTO

00

ENTREVISTA

Como nasceu a Piloto, e como ela se juntou ao Desvio?

Miguel: A Piloto nasceu da necessidade de jovens artistas terem espaços de experimentação para seus trabalhos. A Piloto se junta ao Desvio porque ela nasceu no Desvio, uma das primeiras conversas que tivemos entre nós foi lá.

Alucas: Eu, Miguel Reis e Uri Nonnato levamos a ideia pra galera do Desvio, que nos acolheu e deu total apoio. A gente queria reafirmar a rua e o bar como um espaço expositivo de arte, aquela velha história de sair do "cubo branco", do espaço expositivo tradicional. É uma festa enquanto exposição coletiva de arte. Um rolê feito por pessoas LGBTQIA+, pretas, indígenas e racializadas, para dar visibilidade a quem também fica restrito à periferia no mundo da arte.

Como você descreveria o impacto do Desvio na cena cultural do Rio?

Miguel: Foi um furacão 2000...19. Foi rápido, mas incentivou muita gente a desenvolver projetos. Foi o lugar que o Rio precisava naquele momento, uma espécie de factory onde as pessoas se encontravam não só para se divertir, mas também para pensar em novos projetos.

Alucas: O Desvio catalisou uma reação que foi interrompida no seu auge, e fez circular uma energia criativa, intelectual, artística, política... Foi um lugar que serviu de escola para uma nova geração de DJs da qual faço parte e que ainda não estreou em grandes eventos justamente por causa da pandemia.

Qual foi a noite mais lendária que você viveu no Desvio?

Miguel: Não tem como não citar a noite em que um artista pulou de espacate do mezzanino. O meu maior sonho era que a Desvio já tivesse câmeras de segurança, para isso estar documentado de alguma forma.

Alucas: Pra mim é bem difícil escolher uma única noite mais lendária, foram muitas. Mas posso citar a primeira edição da Piloto, em outubro de 2019; o dia em que estenderam uma bandeira enorme com a imagem da placa "Rua Marielle Franco"; a performance de Azul, que fez um show incrível; e a Festa até às 4 que seria no Nanam, foi cancelada por causa da chuva, e aconteceu no Desvio, que nem tinha aberto oficialmente.

ICY

OMOLOKO

04

RADIO DESVIO

A música era a manifestação cultural mais presente no Desvio, mas ao longo de sua breve existência, o barzinho recebeu ou promoveu eventos de outros campos da produção artística - multidisciplinares, em alguns casos. Um deles é a Piloto, projeto híbrido que visa tirar as exposições de arte dos espaços elitistas das galerias tradicionais, incorporando arte visual e sonora. Dois dos nomes por trás do projeto - o artista visual Miguel Reis e a multiartista, produtora e historiadora da arte Alucas - falaram ao COFRE DESVIO sobre a relação da Piloto com o bar:

OMOLOKO

04

RADIO DESVIO

Como nasceu a Piloto, e como ela se juntou ao Desvio?

Miguel: A Piloto nasceu da necessidade de jovens artistas terem espaços de experimentação para seus trabalhos. A Piloto se junta ao Desvio porque ela nasceu no Desvio, uma das primeiras conversas que tivemos entre nós foi lá.

Alucas: Eu, Miguel Reis e Uri Nonnato levamos a ideia pra galera do Desvio, que nos acolheu e deu total apoio. A gente queria reafirmar a rua e o bar como um espaço expositivo de arte, aquela velha história de sair do "cubo branco", do espaço expositivo tradicional. É uma festa enquanto exposição coletiva de arte. Um rolê feito por pessoas LGBTQIA+, pretas, indígenas e racializadas, para dar visibilidade a quem também fica restrito à periferia no mundo da arte.

Como você descreveria o impacto do Desvio na cena cultural do Rio?

Miguel: Foi um furacão 2000...19. Foi rápido, mas incentivou muita gente a desenvolver projetos. Foi o lugar que o Rio precisava naquele momento, uma espécie de factory onde as pessoas se encontravam não só para se divertir, mas também para pensar em novos projetos.

Alucas: O Desvio catalisou uma reação que foi interrompida no seu auge, e fez circular uma energia criativa, intelectual, artística, política... Foi um lugar que serviu de escola para uma nova geração de DJs da qual faço parte e que ainda não estreou em grandes eventos justamente por causa da pandemia.

Qual foi a noite mais lendária que você viveu no Desvio?

Miguel: Não tem como não citar a noite em que um artista pulou de espacate do mezzanino. O meu maior sonho era que a Desvio já tivesse câmeras de segurança, para isso estar documentado de alguma forma.

Alucas: Pra mim é bem difícil escolher uma única noite mais lendária, foram muitas. Mas posso citar a primeira edição da Piloto, em outubro de 2019; o dia em que estenderam uma bandeira enorme com a imagem da placa "Rua Marielle Franco"; a performance de Azul, que fez um show incrível; e a Festa até às 4 que seria no Nanam, foi cancelada por causa da chuva, e aconteceu no Desvio, que nem tinha aberto oficialmente.

Nas próximas páginas, você verá trabalhos desenvolvidos por dois coletivos a convite do COFRE DESVIO. São eles:

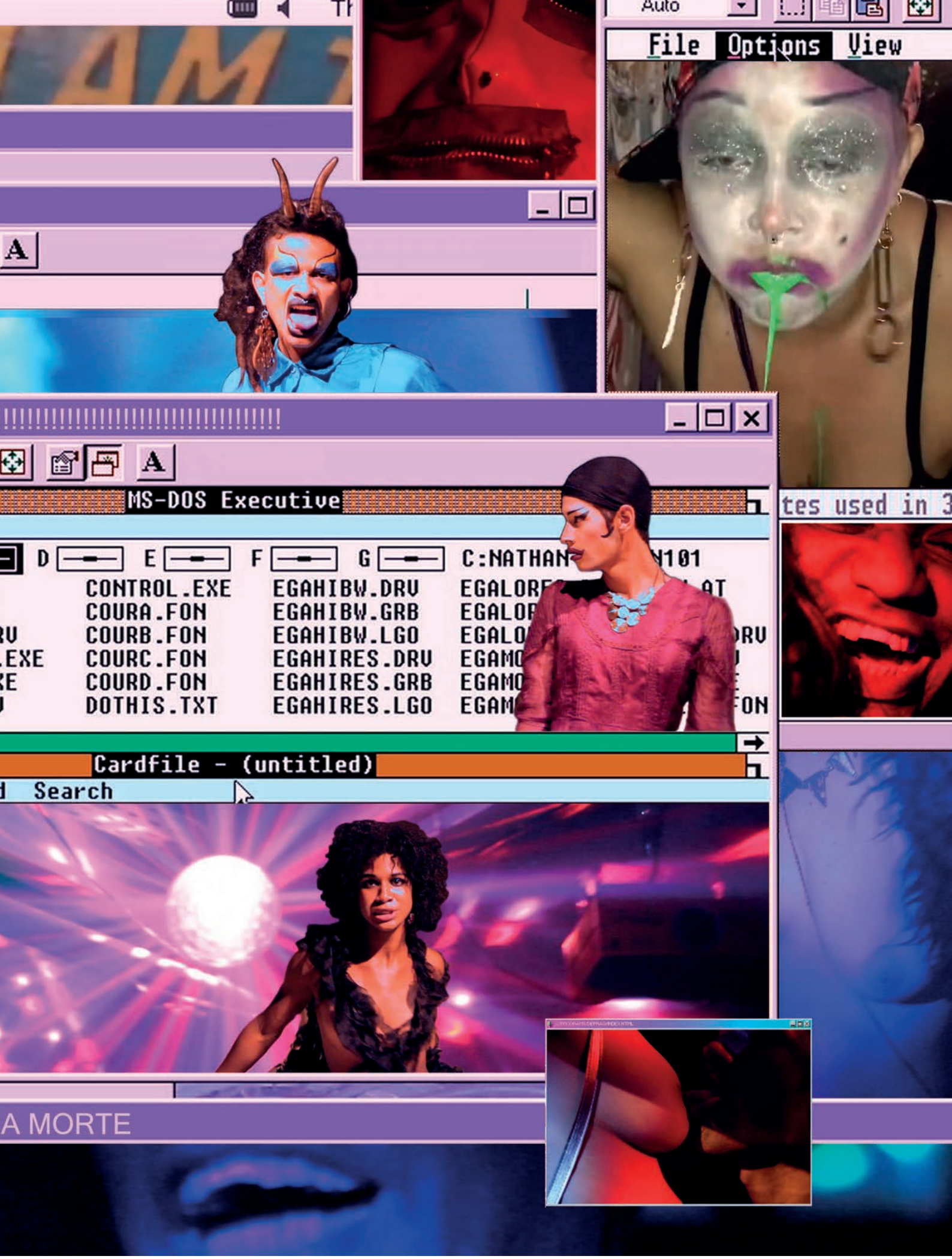
Anarca Filmes

Desde 2014, Amanda Seraphico, Clarissa Ribeiro e Lohan Dias tocam a produtora independente de cinema Anarca Filmes, casa de filmes cujo cerne é a investigação do corpo dissidente diante das questões impostas pela vivência brasileira desde 2013. As obras da produtora exploram a coexistência da diferença, tecendo humor e medo em um só pano. Os questionamentos propostos parecem inicialmente absurdos, mas se tornam possíveis quando impostos sobre o cotidiano nacional. Além dos filmes, a Anarca realiza instalações, performances, residências artísticas e festas, sempre determinada a instigar uma imaginação política que não ignore a dimensão dos afetos.

Fudida Silk

Fudida Silk é um coletivo composto por artistas trans que utiliza a serigrafia como ferramenta para arrecadar fundos para pessoas que vivem em constante vulnerabilidade. Formado em 2016, no ateliê de gravura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o grupo se inspira em temas que vão da subversão de estereótipos de gênero a questões espirituais.

View Go Window Help
WALESKA MOLOTOV
Welcome to Defrag!
Start
Pause
Click 'Start' & use 'Arrows' to mess with the amount of fragmentation in your file system.
X-MANAS
Auto
Desk File View Options
C:[NATHA
Auto
File View Special
A B C
ABC.TXT
BUILD.LBL
CALC.EXE
CALENDAR.EXE
CARDFILE.EXE
CGA.DRV
CGA.GRB
CGA.LGO
File Edit View
ANARCA FILMES
BADGALETO - NO LIMITE D


Auto
File Options View
MS-DOS Executive
D E F G C:NATHAN
CONTROL.EXE
COURA.FON
COURB.FON
COURC.FON
COURD.FON
DOTHIS.TXT
EGAHIBW.DRV
EGAHIBW.GRB
EGAHIBW.LGO
EGAHIRES.DRV
EGAHIRES.GRB
EGAHIRES.LGO
Cardfile - (untitled)
Search
A MORTE

educação travesty

@umchaoparabia

acessível e organizada. Na realidade, sensorialmente demandamos a construção de atos legitimadores dos mais diversos modos de existir. Tornando possível a transposição do limite em potência. Através das diferenças e contradições nos constituímos como seres múltiplos e com isso, não apenas a circulação pela cidade precisa ser garantida, demandamos a construção de políticas de segurança pública que protejam todas as pessoas. O fogo queima sobre as calçadas, brilhantes também são os passos de quem se deixa levar pela imaginação. O suor escorre frio sobre as corpas sensíveis ao contato com o incognoscível. Aquilo que não há explicação, não é passível de compreensão. A rua é apenas sentimento. Sentidos transbordantes no encontro entre as corpas, a mente da criança que brinca sem medo. Nós também precisamos encontrar algo que nos faça transcender o concreto. Ludicidade necessária para que haja abertura de possibilidades além do já conhecido. Permitir que sensorialmente a gente se

O purgatório e o pós-vida do Desvio, definitivamente registrados

DESTINO

No dia 15 de março de 2020, um domingo, o Desvio fechou as portas e não voltaria a abri-las em uma realidade semelhante à que conhecíamos até então. A COVID-19 havia chegado ao Brasil nas semanas anteriores e, afogado em um mar de dúvidas, medos e desinformação, o país se lançou no que se convencionou chamar de quarentena, mas cuja duração iria muito além de quarenta dias. Ninguém tinha muita noção do que estava acontecendo. Ninguém tinha dimensão do que estava acontecendo.

O bar reabriu novamente em agosto, em um momento em que as medidas preventivas ainda eram necessárias e que o ideal seria que todos pudessem ficar em casa, com auxílio financeiro oferecido pelo Estado. Mas na era da necropolítica, do capitalismo em sua forma mais crua e cruel, a exposição das pessoas ao vírus se tornou, ironicamente, uma questão de sobrevivência.

Nesse meio tempo, a equipe do Desvio tentou encontrar formas de se manter viável e em contato com as pessoas que davam graça àquilo tudo: desenvolveu um sistema de entregas, abriu uma mercearia e lançou uma cesta mensal, com produtos cuidadosamente selecionados - um pequeno aperitivo da experiência real do Desvio, entregue na porta de casa. Amarrando tudo isso, o bar ampliou a estratégia de comunicação digital, que incluiu a realização de reuniões virtuais, transmissão de DJ sets, a reformulação da Rádio Desvio (como relatado no capítulo O Som) e a produção de dois programas, ou quase isso, nas redes sociais do Desvio [ver boxes ao longo da matéria].

Era o conveniente, o possível, mas de forma alguma o ideal. No raiar da era digital, quando o mundo físico se revelou mais hostil que de costume, acabamos presos a simulacros do mundo ao qual estávamos acostumados, espelhos ocos das trocas que locais como o Desvio costumam proporcionar.

Encurralada pelo fim iminente das reservas financeiras e a perspectiva de novos lockdowns num futuro de acentuada crise econômica, a gestão do bar decidiu, com muito pesar, fechar de vez. O anúncio ao público veio em abril de 2021, via Instagram, pouco mais de um ano após o fechamento inicial. "A gente lutou o que deu pra lutar, e quando não deu mais para lutar, a gente correu. Durante toda a pandemia essa ideia tava ali com a gente, não sabíamos se daria para segurar. Mas quando veio a realidade, foi difícil falar: 'vamos fechar'", lamenta Thaís Scot, uma das idealizadoras do Desvio, ao lembrar do momento em que concordaram em encerrar as atividades. "Eu nunca chorei tanto", continua Anna Pitthan, outra sócia do bar, ao falar sobre o momento em que percebeu que não havia outra saída para o Desvio. "Se fosse apenas uma questão de amar o que a gente fazia, a gente estaria lá até hoje. Mas não tinha mais como. A pandemia afetou todo o setor de bares e restaurantes de uma maneira bizarra, e sem subsídio do governo, sem nenhuma ajuda para os pequenos comércios. Foi muito triste".

Depois do fechamento, o clima na cena cultural fluminense era de luto. Foram anos acompanhando a ebulição e consolidação de uma nova geração de criadores e fomentadores de cultura, uma geração mais plural, politizada e comprometida a rever os privilégios de quem ainda os mantinha. A inauguração do Desvio, um ponto fixo no centro da cidade, dava a sensação de que as mudanças propostas não seriam fugazes. O anúncio do fim despertou o oposto disso.

"O Desvio era um lugar de acolhimento, de conforto", garante Alice Lopes, gerente do bar e amiga de longa data dos fundadores. Para ela, figura onipresente no lado de dentro do balcão, a ausência do espaço desnorteou a parcela da juventude carioca que se identificava com a proposta do lugar. "Era muito potente ver a patricinha do lado da gay periférica pisando no mesmo chão, é muito difícil encontrar isso numa cidade

que é dividida propositalmente para evitar esse tipo de coisa. Era um rolê de close, de se mostrar, e ao mesmo tempo um lugar onde ninguém estava aí nem aí para você, no sentido de você realmente poder fazer o que quiser, ser o que quiser. É muito estranho pensar que a gente não tem mais esse lugar de conforto. Era um abraço chegar ali", desabafa.

Lohan & Vc

"A minha proposta era tentar mostrar situações engraçadas, coisas que todo mundo que frequentava o Desvio tivesse vivido. Era uma forma de alimentar a esperança de que um dia estaríamos reunidos novamente, de tentar manter viva a lembrança do quanto a gente era feliz naquela comunidade. A relação que as pessoas criaram com o Desvio ia muito além de um estabelecimento comercial. Os eventos que aconteciam ali, as conversas que eram levantadas, as performances, as loucuras, os encontros, tudo isso sempre ganhava camadas mais profundas ali".

Lohan Abdala, produtor e apresentador do Lohan & Vc, quadro de humor publicado semanalmente no Instagram do Desvio em que Lohan reagia a situações apresentadas pelos seguidores de acordo com o tema da semana.

Afiadas

"Era uma série de entrevistas com pessoas do ramo da música, da moda, sempre voltado para cena de música eletrônica, além do Café Gelado, um quadro no IGTV apresentado pelo Feliqqe, em que ele dava dicas astrológicas e falava sobre assuntos diversos. A gente começou muito perdido, sem saber como ia fazer aquilo, mas a gente se achou. Era algo que eu podia fazer de casa, mas que carregava um pouquinho da Lâmina. O Desvio mudou a minha forma de pensar. É triste pensar no legado que ele deixou, porque eu acho que [o Desvio] ainda não terminou, que ainda não acabou. Torço muito pra que ele volte."

Tetafunk, produtora cultural, criadora da festa Lâmina e responsável pelo quadro Afiadas, uma revista online lançada semanalmente nos perfis do Desvio no Instagram e no Medium

TEXTO
Por Victor Gorgulho

Quando a rua e o corpo se encontram, desde os paralelepípedos que sustentam os movimentos vividos e cheios de tesão e cor. Os astros conspiram para que a ousadia seja referenciada com glamour e precariedade. Gestos autênticos florescem sobre a madrugada ardente, suada e repleta de encontros e desencontros acidentais. As peles incorporam vivências cheias de ternura por outras corpas que compartilham também as minúcias subversivas do dia-a-dia, com horror e amor as noites se descobrem manhãs. Não há quem não se sinta convocada a se jogar na Exuberância das esquinas, encruzilhadas e vielas. Nos inspiram a expor nossas subjetividades desviantes, espiritualidade, lazer e alegria para todas. Nunca haverá de faltar tempo para se deixar levar por ritmos e danças cuidadosamente ressoadas para que haja constância. Qualquer pessoa pode e deve se fazer presente nas manifestações de calor e tremor que as linhas vivas das ruas nos proporcionam. Todas as coisas com que nos deparamos pelas calçadas da vida possuem seus significados próprios. No entanto, precisamos nos permitir a compreender por nós mesmas esses encontros. Com a capacidade de solucionar através de boas estratégias de resistência, festas públicas podem ser espaços informais de cuidado. É necessário que os espaços dentro dos territórios se organizem para que o cuidar nesse sentido seja efetuado. As diferenças, por exemplo, são parâmetros de percepção sobre como construir essas possibilidades. Porque ao nos colocar à disposição do encontro sem o julgamento prévio: conseguimos nos vincular com as outras pessoas sem que o preconceito e a violência sejam a porta de entrada nas relações. Para se relacionar com o mundo precisamos nos desenvolver através das experiências que nos passam, para quem vive, já viveu ou já passou pelo Rio de Janeiro, sabe que a diversão é atravessada por maravilhosidades e vulnerabilidades. Com o passar dos anos, desde que cheguei aqui, vivenciei momentos gloriosos de prazer e dor. Através do tempo, percebo que amadureci porque vivi percalços durante as caminhadas e danças pelos mais diversos lugares que essa cidade pode oferecer. Como o clichê: do lixo ao luxo. Somos acionadas a nos conectar, pois é inevitável que a gente não se conecte. Corpos em contato energeticamente geram catarses que a cidade pode acolher desde que haja segurança. Pensar e estruturar políticas públicas sobre o nosso direito de lazer urbano é necessário quando ainda não há essa garantia. Qualquer evento que tenha como objetivo receber abertamente pessoas diferentes entre si, com interseccionalidades como raça, gênero, deficiências, idade, entre outros elementos, precisam se dispor a fazer acessibilidade. Não que um espaço possa ser cem por cento acessível com tamanho o espectro de possibilidades de como ser diferente. Acessibilidade física como rampas para pessoas com dificuldade de movimento e defender a segurança de pessoas trans como acessibilidade subjetiva. Transformar as dificuldades materiais e existenciais em soluções empíricas baseadas no respeito à individualidade e a coletivização dos espaços. Empatia canalizada em ações mobilizadoras de mudanças capazes de fortalecer a relação das pessoas com a rua. Corpo e rua coexistem desde que a cidade foi estabelecida como estrutura social. O convívio urbano é bruto nas suas violências e leve como uma pluma de pavão que encanta a noite de quem se permite ser tomada pela escuridão. O brilho que cega os olhos de quem apenas vê maldição, advém do olhar das mais radicais faces da desconstrução de normatividades coloniais, patriarcais e heteronormativas. Qualquer que seja o padrão, poderá ser moldado para que possamos mostrar ramificações mais criativas e autênticas do processo de fazer a si. Elementos corporais em confronto com dispositivos de normatização da realidade. Na efemeridade somática de que se faz nossos organismos, podemos aproveitar para propor caminhos de gozo e atualização esquemática das presenças possíveis de serem compartilhadas sem medo. Combinados que assegurem a transição entre territórios-existências, geográficos e usados, sendo assim constituída a necessidade de satisfazer a mobilidade urbana segura,

acessível e organizada. Na realidade, sensorialmente demandamos a construção de atos legitimadores dos mais diversos modos de existir. Tornando possível a transposição do limite em potência. Através das diferenças e contradições nos constituímos como seres múltiplos e com isso, não apenas a circulação pela cidade precisa ser garantida, demandamos a construção de políticas de segurança pública que protejam todas as pessoas. O fogo queima sobre as calçadas, brilhantes também são os passos de quem se deixa levar pela imaginação. O suor escorre frio sobre as corpas sensíveis ao contato com o incognoscível. Aquilo que não há explicação, não é passível de compreensão. A rua é apenas sentimento. Sentidos transbordantes no encontro entre as corpas, a mente da criança que brinca sem medo. Nós também precisamos encontrar algo que nos faça transcender o concreto. Ludicidade necessária para que haja abertura de possibilidades além do já conhecido. Permitir que sensorialmente a gente se perceba integrante e agente dos mundos possíveis a cada uma. Não há apenas um mundo. Existem mundos. Dentro deles existem pessoas que os constroem e para que isso aconteça, precisamos elaborar estratégias de liberdade porque a construção é contínua. Nos deparamos com os resquícios de outros contextos temporais, com os rastros de ações que nos aprisionam ou nos libertam. Até hoje. Coletivamente podemos usufruir do convívio como ato de nos fazermos livres. Do mar de portas fechadas à encruzilhada de três pontas, o centro precisa ser descentralizado. Nós atualizamos nossos contextos quando nos permitimos circular por lugares mais diversos, comunitários, abertos e dispostos a interagir com as demandas espontâneas que a rua traz. Chegando a um espaço ou mediando a chegada de outras pessoas, podemos descobrir o quanto a presença informal e curiosa pode ser transformadora. Não precisamos ter respostas para todas as questões que a rua nos traz. Nossos organismos são capazes de nos adaptar às mais diferentes condições, desde que haja socializações que garantam a nossa autonomia. Sempre que um corpo cai, precisamos que haja um outro ao lado para segurá-lo. Não é possível que a gente continue sem nos sentirmos seguras, para isso a construção de diversas redes de suporte se faz mais do que necessário é urgente. Não podemos ficar só. A confiança para seguir advém do estado de tranquilidade que emana da presença compartilhada. Nossas corpas funcionam como receptores de energias, reagimos aos estímulos sensoriais à nossa disposição, podemos entrar em estados de fluidez e transcendência. Fazer com que aconteçam experiências gloriosas na simplicidade da vida cotidiana, na solitude e na convivência. Existências capazes de subverter as normas violentas da sociedade patriarcal heteronormativa capitalista que vivemos. Com passos largos e seguros, transformar as leis de controle em obsoletas tentativas de nos aprisionar. É preciso que aconteçam processos de trabalho nesse sentido em diferentes setores da sociedade: educação, lazer, saúde, assistência social, cultura são exemplos de campos possíveis de serem trabalhados intersetorialmente para que a gente garanta nossa liberdade e autonomia. Essa garantia não vem do nada, ela é desenvolvida, mas para que isso aconteça é necessária a emancipação dos corpos, mentes, espíritos, territórios e percepções de mundos. Precisamos estar conscientes do que nos acontece para que a gente crie maneiras de suportar e agir sobre o que nos atravessa. Em companhia isso é muito mais fácil. Afetivamente criamos laços sociais que nos vinculam à realidade como suportes, com isso nos tornamos menos vulneráveis e consequentemente temos mais chances de resistir às adversidades.

Sabine Passareli Simões, terapeuta ocupacional, residente multiprofissional em saúde mental no Instituto de Psiquiatria da UFRJ. Artista independente.

Julho, 2021

INDEX

INDEX

ROMANA

05

RADIO DESVIO

Residente da MASTERplano, um dos coletivos mais importantes no underground nacional, Romana é uma DJ de alta performance. Seus sets são sempre arrojados, impressionantes e cheio de novidades que distorcem as expectativas de uma pista de techno. Essa Rádio Desvio é cheia de dicas incríveis de uma das melhores de BH.

ROMANA

05

RADIO DESVIO

Que música define bem uma tendência atual na sua discotecagem?

Como ainda não voltamos para as pistas, acho um pouco difícil pontuar isso no momento. Mas eu prezo muito por diversidade musical. Gosto de pesquisar de tudo um pouco e de ter a possibilidade de transitar por várias musicalidades em um set, mas sem perder o fio condutor principal da minha narrativa e da minha identidade. Também tenho me sentido mais segura para explorar outros sons, coisas que sempre ouvi e curti mas que normalmente eu não tocava. Dito isso, eu adoraria fazer um set mais imersivo, com muito dub, para uma pista bem linda no meio do mato! Abriria com “Magnetic Drift (Dubmonger's Follow The Compass Dub)”, do Bay B Kane.

Que música seria a "DJ tool" perfeita para mudar o BPM ou a proposta de um set?

Independente do BPM [sigla de "beats per minute", ou "batidas por minuto", dado que aponta a velocidade de uma faixa], da vibe ou do gênero musical, eu procuro optar por tracks que tenham uma construção mais linear, com a base mais próxima de um loop, mais focada na bateria, e que te dê mais liberdade pra mixar e trabalhar outra track por cima. Então pra mim, o ideal nesses momentos é fugir daquelas músicas onde rolam muitos "acontecimentos", breaks malucos, ou uma mudança do tempo repentina. Normalmente o techno funciona muito bem nessas situações - como por exemplo em "Two Step Dance Ensured", do Héctor Oaks.

Digamos que você foi bookada para encerrar o palco principal de um grande festival. Que música não pode faltar no seu pen drive?

Deve ser incrível ter a oportunidade de tocar uma música autoral numa ocasião como essa! Estamos trabalhando para isso, porém caso esse convite aconteça amanhã (risos), eu com certeza escolheria as mais bombas dos nossos produtores nacionais. Nos últimos anos rolou um crescimento gigante na nossa cena em relação a isso, muitos artistas incríveis e uma diversidade de sons maravilhosa. Vou deixar aqui duas indicações, ambas recém-lançadas: ERAM feat. Tabu, "Trance Generator" e DJ FELIX, "Vai Seu Desgraçado".

Uma música que é um guilty pleasure

Independente do BPM [sigla de "beats per minute", ou Durante a quarentena, eu e meu ex-colega de quarto, Pedro Pedro (que também integra o MASTERplano), tínhamos costume de criar algumas situações bem ridículas em casa pra gente se divertir, já que estávamos privados de qualquer forma de interação social. A gente acabou ficando um pouco viciado no remix que o Alok fez de Meduza, “Piece Of Your Heart”. Ela rolava bastante na nossa cozinha, e é ideal pra quando você tá afim de viver um "momento Ibiza": mulheres ricas, drinks, rooftop, yachts, jóias - mas sem sair de casa nem gastar milhões.

Qual foi a primeira música que você ouviu hoje?

ABRA feat. Playboi Carti, "Unlock It", que tem uma melodia e uma linha de baixo bem gatinha manhosa. <3

INDEX

RÁDIO DSLO
RJ 032
A_HANK

RÁDIO DSLO
SP 045
KAHAN

RÁDIO DSLO
SP 031
LETRICA

RÁDIO DSLO
SP 030
RHR

RÁDIO DSLO
BH 040
OMOLOKO

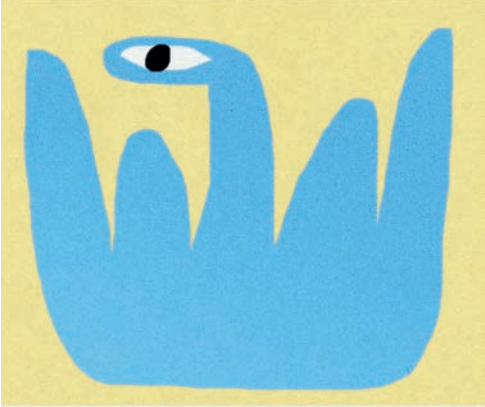
RÁDIO DSLO
RJ 043
KENYA

BBWJU

KINKID

DANI AVELLAR

DUDA PEDREIRA



DJ SEGUNDO

GIGIOS & CARROT GREEN

INDEX

Desvio | Programação completa
2019-2021

Desvio | Carnaval Na Obra

01.03.2019

Gabriel Schettini, Ananda Nobre,
Fer Carlim b2b Gabto, Craig Ouar

02.03.2019 | sábado

Querida Intriga: DJ Guerrinha,
DJ Abreia, Dani Milk, Anna Pitthan

03.03.2019 | domingo

Rádio Escada, DJ Tertu do VDG, BBDANI, Larinha

04.03.2019 | segunda
Febre, Lima, Vtn, Germani e + atrações

05.03.2019 | terça
Mariwö, Coletividade NÁMÍBIÀ

.

30.05.2019 | sexta | DJ Guerrinha

01.06.2019 | sábado | Gente Que Dança

02.06.2019 | domingo | dia de descanso

03.06.2019 | segunda | DJ Jabour

04.06.2019 | terça | inauguração da cafeteria do Desvio

05.06.2019 | quarta | Rádio Desvio: Facchi

06.06.2019 | quinta | Quente

07.06.2019 | sexta | Festa Até as 4

08.06.2019 | sábado | Febre

09.06.2019 | domingo | dia de descanso

10.06.2019 | segunda | DJ Jabour

11.06.2019 | terça | Trijazz (Villa|Lobos)

12.06.2019 | quarta | Valesuchi on Valentine's Day | Rádio Desvio: DJ Guerrinha

13.06.2019 | quinta | Músicas para ouvir sentado, mas se quiser pode dar uma dançadinha

14.06.2019 | sexta | Minasö

15.06.2019 | sábado | JF

16.06.2019 | domingo | dia de descanso

17.06.2019 | segunda | 77777psicosonik

18.06.2019 | terça | Julio Alves (Villa|Lobos)

19.06.2019 | quarta | Rádio Desvio: Eram e Flo Massé

20.06.2019 | quinta | Maos

21.06.2019 | sexta | Atalho: Akin e Kinkid | Dissölve

22.06.2019 | sábado | ?

23.06.2019 | domingo | dia de descanso

24.06.2019 | segunda | MONO: Verjault + Gabriela Nobre

25.06.2019 | terça | Canto Lírico (Villa|Lobos)

26.06.2019 | quarta | Rádio Desvio: Yellow Island Records

27.06.2019 | quinta | Feliz FM | Lucas de Paiva + Flora Vaginal

28.06.2019 | sexta | Corpo

29.06.2019 | sábado | Isoporzinho das Sapatão

30.06.2019 | domingo | dia de descanso

01.07.2019 | segunda | MONO: J|p Caron + Antonio Brito + Sannanda

02.07.2019 | terça | ?

03.07.2019 | quarta | ?

04.07.2019 | quinta | ?

05.07.2019 | sexta | ?

06.07.2019 | sábado | ?

07.07.2019 | domingo | dia de descanso

08.07.2019 | segunda | Escola de Mistérios

09.07.2019 | terça | Jazz (Villa|Lobos)

10.07.2019 | quarta | Rádio Desvio: DJ Beysac | pré Climão

11.07.2019 | quinta | Querida Intriga

12.07.2019 | sexta | Naima | Lamego

13.07.2019 | sábado | dia de descanso

14.07.2019 | domingo | Wobble na Rua

15.07.2019 | segunda | MONO: Olivia Luna + Cassio

16.07.2019 | terça | playlist do mês

17.07.2019 | quarta | Rádio Desvio: Sal Sa + Cainã + Lucas Pires

18.07.2019 | quinta | Íntima

19.07.2019 | sexta | Passeio

20.07.2019 | sábado | Conversas Art Rio: Alice Miceli | Luisa Daou + Badenov

21.07.2019 | domingo | dia de descanso

22.07.2019 | segunda | Escola de Mistérios

23.07.2019 | terça | Roots Combo

24.07.2019 | quarta | Rádio Desvio: Neiva

25.07.2019 | quinta | Vitrolinha: Tata Ogan

26.07.2019 | sexta | Glau + Evehive (long set)

2707.2019 | sábado | Gab + Jam + Nat + Carlim

28.07.2019 | domingo | dia de descanso

29.07.2019 | segunda | Jazz no Desvio

30.07.2019 | terça | Ania e Karl: Experimentação Musical

31.07.2019 | quarta | Rádio Desvio: Ananda

01.08.2019 | quinta | La Kermesse

02.08.2019 | sexta | Lâmina

03.08.2019 | sábado | Festa de Casamento

04.08.2019 | domingo | dia de descanso

05.08.2019 | segunda | Escola de Mistérios

06.08.2019 | terça | Jazz In

07.08.2019 | quarta | Rádio Desvio: DJ Abréia e Jacques Default

08.08.2019 | quinta | Magma #249 com Duda Pedreira

09.08.2019 | sexta | Nada com Nada

10.08.2019 | sábado | Azul

11.08.2019 | domingo | dia de descanso

12.08.2019 | segunda | MONO: Yuri Bruscky + Caeso

13.08.2019 | terça | Roots Combo

14.08.2019 | quarta | Rádio Desvio: BBDani + Gabe Passareli + Ayaibeji

▪15.08.2019 | quinta | Lançamento da 7ª edição da revista O'cyano

16.08.2019 | sexta | Naja Paradise

17.08.2019 | sábado | Somm

18.08.2019 | domingo | Wobble na Rua

19.08.2019 | segunda | Escola de Mistérios

20.08.2019 | terça | Lançamento da coletânea Xepa.Nata

21.08.2019 | quarta | Real Grandeza | Rádio Desvio: Rádio Escada

22.08.2019 | quinta | Komba

▪23.08.2019 | sexta | aniversário Jari

24.08.2019 | sábado | Isoporzinho das Sapatão: Visibilidade Lésbica

25.08.2019 | domingo | Jantar dos Sentidos, por Silvia Capucci (La Piadina di Silvia)

26.08.2019 | segunda | Jazz no Desvio

27.08.2019 | terça | Canto | Villa|Lobos

28.08.2019 | quarta | Rádio Desvio: Bombardeio Blues + Girauta + Zé Sem Nome

29.08.2019 | quinta | Vala

30.08.2019 | sexta | Creative Mornings | Escola de Mistérios

31.08.2019 | sábado | Mariwô

01.09.2019 | domingo | dia de descanso

02.09.2019 | segunda | ?

03.09.2019 | terça | Marcelo Callado voz e guitarra

04.09.2019 | quarta | Rádio Desvio: Sean Diss

05.09.2019 | quinta | Diegando Noite

06.09.2019 | sexta | Querida Intriga

07.09.2019 | sábado | Mandinga: Independência dos Corpos em Movimento

08.09.2019 | domingo | dia de descanso

09.09.2019 | segunda | MONO: Gambutrol + Tati Cocteau

10.09.2019 | terça | Lançamento: Oito Reações para o Depois

11.09.2019 | quarta | Rádio Desvio: Craig Ouar | Lançamento: clipe Ju Ribeiro

12.09.2019 | quinta | Core Session

13.09.2019 | sexta | Esbarrão

14.09.2019 | sábado | La Cumbia

15.09.2019 | domingo | dia de descanso

16.09.2019 | segunda | Future Is of Color: Beyssac

17.09.2019 | terça | 3 anos Didread

18.09.2019 | quarta | Rádio Desvio: Gente Que Dança

19.09.2019 | quinta | Ru Radio #2

20.09.2019 | sexta | Valesuchi b2b Nathan Pires

21.09.2019 | sábado | Baile Boladona

22.09.2019 | domingo | dia de descanso

23.09.2019 | segunda | Jazz no Desvio

24.09.2019 | terça | Ovo ou Bicho + Água Viva

25.09.2019 | quarta | Rádio Desvio: Pavão Misterioso

26.09.2019 | quinta | Finalmente: Metamorfose Fase I

27.09.2019 | sexta | Ananda & Ivan

28.09.2019 | sábado | Rompiendo

29.09.2019 | domingo | dia de descanso

30.09.2019 | segunda | MONO: Leviatã + Paulo Dantas

01.10.2019 | terça | Bando Chapéu de Palha

02.10.2019 | quarta | Rádio Desvio: BBWJU e Guillerrrmo

03.10.2019 | quinta | BEL part. Ana Frango Elétrico

04.10.2019 | sexta | Uria

05.10.2019 | sábado | pré Dissölve: Duda Pedreira

06.10.2019 | domingo | dia de descanso

07.10.2019 | segunda | Letricia + Saskia + Eram

08.10.2019 | terça | Iramano

09.10.2019 | quarta | Rádio Desvio: Domina

10.10.2019 | quinta | Schettini & convidados

11.10.2019 | sexta | Global

12.10.2019 | sábado | Querida Intriga: aniversário Baby G.

13.10.2019 | domingo | dia de descanso

14.10.2019 | segunda | Jazz no Desvio

15.10.2019 | terça | Linda Green (long set)

16.10.2019 | quarta | Rádio Desvio: Lucas de Paiva

17.10.2019 | quinta | Ocupação Piloto

18.10.2019 | sexta | DJ Há 10 Anos

19.10.2019 | sábado | Sem Poça, Anbaca

20.10.2019 | domingo | Oxigênio: lançamento do zine Olho de Pombo

21.10.2019 | segunda | MONO

22.10.2019 | Plantas Morrem + Balbela + Kartas

23.10.2019 | quarta | Rádio Desvio: Germani

24.10.2019 | quinta | Lewa

25.10.2019 | sexta | Paradiso Tropicals

26.10.2019 | sábado | Iasmin Turbininha + Asafe + Balenci + BBDANI

27.10.2019 | domingo | 001 DOMINTECHNO

28.10.2019 | segunda | Jazz no Desvio

29.10.2019 | terça | Museu dos Copos

30.10.2019 | quarta | Rádio Desvio: Duda Pedreira

31.10.2019 | quinta | Exp01: no pain when made with pleasure

01.11.2019 | sexta | Cabaret Tá na Rua

02.11.2019 | sábado | Cosmos Ball

03.11.2019 | domingo | dia de descanso

04.11.2019 | segunda | Balbúrdia no Desvio

05.11.2019 | terça | Bando Chapéu de Palha

06.11.2019 | quarta | Rádio Desvio: Érica

07.11.2019 | quinta | DJ Guerrinha convida Sérgio

08.11.2019 | sexta | Nada com Nada + Kaya + Escola de Guerra

09.11.2019 | sábado | Destino 2626: Espíritos Livres

10.11.2019 | domingo | Anbaca sem poça

11.11.2019 | segunda | Jazz no Desvio

12.11.2019 | terça | Terra de Ninguém

13.11.2019 | quarta | Rádio Desvio: Estômago + Disco Duro + saladeestar.mp3 + Pavão Misterioso

14.11.2019 | quinta | Roda Desviada

15.11.2019 | sexta | House of Ninjas: I Love XV convida Lunares

16.11.2019 | sábado | Incidências Sonoras

17.11.2019 | domingo | dia de descanso

18.11.2019 | segunda | MONO: Cadu Tenório + kOkOn + Magno

19.11.2019 | terça | Cheyenne Love

20.11.2019 | quarta | Rádio Desvio: Glau e BBDANI

21.11.2019 | quinta | Gabriel Najhar + Victor Dirami (long set)

22.11.2019 | sexta | Evehive & Glau convidam Cold Jas e Pedro Bonn

23.11.2019 | sábado | 3344.2000

24.11.2019 | domingo | Noite Palestina

25.11.2019 | segunda | Jazz no Desvio

26.11.2019 | terça | Naviloca | lançamento zine Groselhas

27.11.2019 | quarta | Ovo ou Bicho | Rádio Desvio: Climão

28.11.2019 | quinta | 4:24 Jamaica

29.11.2019 | sexta | Delícia Desviante

30.11.2019 | sábado | Inacy | Isoporzinho das Sapatão

01.12.2019 | domingo | dia de descanso

02.12.2019 | segunda | Jazz no Desvio

03.12.2019 | terça | Sala de Estar

04.12.2019 | quarta | João Nogueira (Masterplano) | Rádio Desvio: Escola de Mistérios

05.12.2019 | quinta | TBT FM

06.12.2019 | sexta | Injustiçada

07.12.2019 | sábado | Baile Boladona

08.12.2019 | domingo | dia de descanso

09.12.2019 | segunda | MONO: Loiri Yono + Perverto

10.12.2019 | Terça
Pedro Salvador & Asteroid

11.12.2019 | Quarta
Rádio Desvio: MOO 15 anos

12.12.2019 | Quinta
Baile da Mondé

13.12.2019 | Sexta
Nada com Nada

14.12.2019 | sábado | AP21 & Brechó das Manas

15.12.2019 | domingo | dia de descanso

16.12.2019 | segunda | No Gender Day + Pulva Day

17.12.2019 | terça | Sanga Lab

18.12.2019 | quarta | Rádio Desvio: Gabriel Schettini

19.12.2019 | quinta | Megafauna + Cadu Tenório + Giraknob + Cainã

20.12.2019 | sexta | pré Dissölve

21.12.2019 | sábado | Antonio Secchin & convidados

22.12.2019 | domingo | KODE

23.12.2019 | segunda | recesso

24.12.2019 | terça | recesso

25.12.2019 | quarta | recesso

26.12.2019 | quinta | recesso

27.12.2019 | sexta | recesso

28.12.2019 | sábado | recesso

29.12.2019 | domingo | recesso

30.12.2019 | segunda | recesso

31.12.2019 | terça | recesso

01.01.2020 | quarta | recesso

02.01.2020 | quinta | recesso

03.01.2020 | sexta | recesso

04.01.2020 | sábado | recesso

05.01.2020 | domingo | recesso

06.01.2020 | segunda | Letricia

07.01.2020 | terça | Comandante 22 + Economic Freedom Fighters

08.01.2020 | quarta | Rádio Desvio: Dani Avellar | Valentina Luz

09.01.2020 | quinta | A História Universal do After

10.01.2020 | sexta | Querida Intriga 2 anos

11.01.2020 | sábado | Grime Execution

12.01.2020 | domingo | Escola de Mistérios

13.01.2020 | segunda | Trio Amassa Saia

14.01.2020 | terça | Jvpiter | Telefonema + Rodrigo Cae

15.01.2020 | quarta | Rádio Desvio: Salisme (Cashmere Radio)

16.01.2020 | quinta | Coletivo Meio Amplo Arte Clube

17.01.2020 | sexta | Tropicals

18.01.2020 | sábado | Chaos Kiska

19.01.2020 | domingo | dia de descanso

20.01.2020 | segunda | Escola de Mistérios de Verão

21.01.2020 | terça | Trio Amassa Saia

22.01.2020 | quarta | Rádio Desvio: Kaya, Quimera, Ivan Nishi

23.01.2020 | quinta | 40% Foda.Maneiríssimo: lançamento do EP Rua Jorge Rudge

24.01.2020 | sexta | Lâmina de Férias

25.01.2020 | sábado | CanaL: Yasz|Yngier & Lua Felina

26.01.2020 | domingo | |coro noite|

27.01.2020 | segunda | Jazz no Desvio

28.01.2020 | terça | Os Vulcânicos

29.01.2020 | quarta | Rádio Desvio: Manara

30.01.2020 | quinta | Carnagarimppo

31.01.2020 | sexta | Escola de Mistérios: Festa de Formatura

01.02.2020 | sábado | Technolab

02.02.2020 | domingo | Gruta Portal na Rua

03.02.2020 | segunda | dia de descanso

04.02.2020 | terça | Museu dos Copos

05.02.2020 | quarta | Rádio Desvio: Andre

06.02.2020 | quinta | Transmissões Clandestinas

07.02.2020 | sexta | Naja Paradise

08.02.2020 | sábado | Isoporzinho das Sapatão: 5 Anos

09.02.2020 | domingo | Caldo (SP)

10.02.2020 | segunda | ?

11.02.2020 | terça | lançamento revista Philos #4

12.02.2020 | quarta | Rádio Desvio: Lamego & Maggesi

13.02.2020 | quinta | Piloto

14.02.2020 | sexta | Purpurine 5 Anos + Cabaret Tá na Rua

15.02.2020 | sábado | Bloco do Estica & Puxa

16.02.2020 | domingo | dia de descanso

17.02.2020 | segunda | Jazz no Desvio

18.02.2020 | terça | Abufelados + Surto Trópico

19.02.2020 | quarta | Rádio Desvio: Caio Rosa

20.02.2020 | quinta | Marginal Men

21.02.2020 | sexta | Oásis de Carnaval

22.02.2020 | sábado | Oásis de Carnaval

23.02.2020 | domingo | Oásis de Carnaval

24.02.2020 | segunda | recesso

25.02.2020 | terça | recesso

26.02.2020 | quarta | recesso

27.02.2020 | quinta | recesso

28.02.2020 | sexta | recesso

29.02.2020 | sábado | recesso

01.03.2020 | domingo | recesso

02.03.2020 | segunda | MONO: B|aluria + Lucia Santalices + Naves Cilíndricas

03.03.2020 | terça | STD MDL . Sopa

04.03.2020 | quarta | Rádio Desvio: Nada com Nada

05.03.2020 | quinta | Porax Label

06.03.2020 | sexta | Ferv x Desvio

07.03.2020 | sábado | Baile da UG

08.03.2020 | domingo | dia de descanso

09.03.2020 | segunda | Ibejis: Quimera, Henqueer, Ciana

10.03.2020 | terça | Coletivo Emma apresenta Pedro Franco & Dudu Oliveira

11.03.2020 | quarta | Rádio Desvio: Maurício Lopes

12.03.2020 | quinta | Vitor Souza & Simon Bayete

13.03.2020 | sexta | Tarot João Maia | Netunianes

14.03.2020 | sábado | Baguncinha Gostosa: DJ Life 4 Life

15.03.2020 | domingo | dia de descanso

▪]

INDEX

- CHA GELADO
- BOLOS
- SANDUICHES
- DRINKS